

Notas do Tales

Tales da Silva Amaral

29 de março de 2024

Sumário

1	Introdução	3
2	Lógica	3
2.1	Cálculo Proposicional	3
2.2	Organizar	3
3	Teoria de conjuntos	4
3.1	Axioma da Extensão	4
3.2	Organizar Ainda	6
3.3	Produto Cartesiano	10
3.4	Relações	10
3.4.1	Definições iniciais	10
3.4.2	Relações de Equivalência	10
3.4.3	Relação de Ordem	12
3.4.4	Funções	12
3.5	Números Naturais	12
3.5.1	Axiomas de Peano	12
3.5.2	Soma nos Naturais	13
3.5.3	Ordem nos Naturais	16
3.5.4	Produto nos Naturais	17
3.6	Conjuntos Finitos e Infinitos	22
3.6.1	Conjuntos Finitos	22
3.6.2	Conjuntos Infinitos	24
4	Anéis	31
4.1	Definições iniciais	31
4.1.1	Exercícios	33
4.2	Invertibilidade	33
4.3	Corpos, domínios e anéis reduzidos	33
5	Análise Real	35
5.1	Números Reais	35
5.1.1	Corpo Ordenado	35
5.1.2	Números Reais	37
5.2	Sequências	38
5.3	Organizar	39
6	Análise no \mathbb{R}^n	40
6.1	Topologia	40
6.1.1	Métrica e Norma	40
6.2	Organizar	42
6.3	Diferenciação	42
6.4	Integração	44
6.4.1	Exercícios	45

1 Introdução

Aqui estão depositadas as notas do aluno de graduação Tales da Silva Amaral.

2 Lógica

2.1 Cálculo Proposicional

Axioma 1. Para todas fórmulas P, Q, R , são considerados teoremas as fórmulas:

$$1. P \implies (Q \implies P)$$

Regra de Inferência 1. É tomada como regra de inferência o *modus ponens*: Se P e $P \implies Q$ são teoremas, então Q é um teorema. Portanto

$$\{P, P \implies Q\} \vdash Q.$$

2.2 Organizar

Tomando como termos primitivos: o alfabeto $\{a, b, c, \dots\}$; e (\wedge) ; ou (\vee) ; negação (\neg) ; existe (\exists) ; igual $(=)$.

Definição 2.1 (\equiv , Equivalência). $p \equiv q$ significa p é equivalente a q .

Definição 2.2 (\implies , Implicação). $p \implies q \equiv \neg p \vee q$. Diz-se " p implica q ", "Se p , então q " etc.

Definição 2.3 (\iff). $p \iff q \equiv (p \implies q) \wedge (q \implies p)$. Diz-se " p se, e somente se, q ".

Definição 2.4 (c , Contradição). A letra c é reservada para a "contradição".

Definição 2.5 (t , Tautologia). A letra t é reservada para a "contradição".

Definição 2.6 ($\nexists xP(x)$, Não existe). $\neg(\exists xP(x)) \equiv \nexists xP(x)$. Diz-se "Não existe x tal que $P(x)$ ".

Definição 2.7 (\forall , Para todo). $\forall xP(x) \equiv \neg\exists x(\neg P(x))$. Diz-se "Para todo x , temos $P(x)$ ".

Definição 2.8 ($\exists! xP(x)$, Existe um único). $\exists! xP(x) \equiv \exists xP(x) \wedge \forall y(P(y) \implies y = x)$. Diz-se "Existe um único x tal que $P(x)$ ".

Axioma 2. Para quaisquer p, q, r , temos:

1. $p \equiv p$
2. Se $p \equiv q$, então $q \equiv p$.
3. Se $p \equiv q$ e $q \equiv r$, então $p \equiv r$.
4. Se $p \equiv q$, então $\neg p \equiv \neg q$.

$$5. \neg(\neg p) \equiv p.$$

Axioma 3. Para quaisquer $p, q,$, temos:

$$1. p \vee q \equiv q \vee p.$$

$$2. (p \vee q) \vee r \equiv p \vee (q \vee r).$$

$$3. p \vee (q \wedge r) \equiv (p \vee q) \wedge (p \vee r).$$

$$4. p \vee p \equiv p$$

$$5. \neg(p \vee q) \equiv (\neg p \wedge \neg q)$$

3 Teoria de conjuntos

3.1 Axioma da Extensão

Conceito Primitivo 1 (Conjunto). Temos como conceito primitivo a noção de Conjunto, Coleção. Ou seja, não tentarei definir tal conceito.

Conceito Primitivo 2 (Elementos de um Conjunto). A noção de elementos ou membros de um conjunto também será tomada como conceito primitivo.

Definição 3.1 (Pertinência). Se x é um elemento de A , ou x pertence a A , escrevemos $x \in A$.

Definição 3.2 (Não Pertinência). Se x não pertence a A , escrevemos $x \notin A$. Ou seja:

$$x \notin A \iff \neg(x \in A)$$

Axioma 4 (Axioma da Extensão). Dois conjuntos são iguais se, e somente se, possuem os mesmos elementos. Ou seja:

$$A = B \iff \forall x(x \in A \iff x \in B)$$

Definição 3.3 (Diferente). Dois conjuntos A e B são diferentes se não são iguais e escrevemos $A \neq B$. Ou seja:

$$A \neq B \iff \neg(A = B)$$

Proposição 3.1. Dois conjuntos A e B são diferentes se existe $x \in A$ com $x \notin B$ ou $x \in B$ com $x \notin A$. Ou seja:

$$A \neq B \iff \exists x((x \in A \wedge x \notin B) \vee (x \in B \wedge x \notin A))$$

Demonstração.

$$\begin{aligned}
A \neq B &\iff \neg(A = B) \\
&\iff \neg(\forall x(x \in A \iff x \in B)) \\
&\iff \exists x(\neg(x \in A \iff x \in B)) \\
&\iff \exists x(\neg((x \in A \implies x \in B) \wedge (x \in B \implies x \in A))) \\
&\iff \exists x(\neg((x \notin A \vee x \in B) \wedge (x \notin B \vee x \in A))) \\
&\iff \exists x((x \in A \wedge x \notin B) \vee (x \in B \wedge x \notin A))
\end{aligned}$$

□

Definição 3.4 (Subconjunto). Dizemos que A é um subconjunto de B se todo elemento de A for um elemento de B e escrevemos $A \subset B$. Ou seja:

$$A \subset B \iff \forall x(x \in A \implies x \in B)$$

Proposição 3.2.

$$A \subset A$$

Demonstração. Temos $p \implies p$ uma tautologia para toda fórmula p , logo $x \in A \implies x \in A$ é uma tautologia. Portanto $A \subset A \iff \forall x(x \in A \implies x \in A)$ é uma tautologia. □

Proposição 3.3.

$$A \subset B \wedge B \subset C \implies A \subset C$$

$$A \subset B \wedge B \subset C \implies A \subset C \iff \neg(A \subset B \wedge B \subset C) \vee A \subset C$$

Definição 3.5 (Subconjunto Próprio). Se A e B são conjuntos tais que $A \subset B$ e $A \neq B$, então A é chamado de subconjunto próprio.

3.2 Organizar Ainda

Proposição 3.4.

$$(A - B) \cup B = A \cup B$$

Demonstração.

$$x \in (A - B) \cup B \iff$$

$$(x \in A \wedge x \notin B) \vee x \in B \iff$$

$$(x \in A \vee x \in B) \wedge (x \notin B \vee x \in B) \iff$$

$$(x \in A \vee x \in B) \wedge t \iff$$

$$x \in A \vee x \in B \iff$$

$$x \in A \cup B \iff$$

□

Proposição 3.5.

$$A \times (B \cup C) = (A \times B) \cup (A \times C)$$

Demonstração.

$$(x, y) \in A \times (B \cup C) \iff x \in A \wedge (y \in B \cup C)$$

$$\iff x \in A \wedge (y \in B \vee y \in C)$$

$$\iff (x \in A \wedge y \in B) \vee (x \in A \wedge y \in C)$$

$$\iff ((x, y) \in A \times B) \vee ((x, y) \in A \times C)$$

$$\iff (x, y) \in (A \times B) \cup (A \times C)$$

□

Proposição 3.6. Se $A \subset B$ e $B - A = \emptyset$, então $A = B$.

Demonstração. O caso $A = B = \emptyset$ é trivial. Supondo $B \neq \emptyset$. Supondo $A \subset B$ e $B - A = \emptyset$. Como já temos $A \subset B$, basta provar $B \subset A$.

Supondo $x \in B$ e $x \notin A$. Como $B - A = \emptyset$, temos $x \in \emptyset$ (contradição). Logo se $x \in B$, devemos ter $x \in A$. Logo $B \subset A$. Logo $A = B$. □

Lema 1. *Existe uma bijeção entre X e $X \times \{a\}$.*

Demonstração. Seja a função $g : X \rightarrow X \times \{a\}$, dada por $g(x) = (x, a)$. Temos $g(p) = g(q) \iff (p, a) = (q, a) \iff p = q$, logo g é injetiva. Dado $(x, a) \in X \times \{a\}$, temos $x \in X$ e $a \in \{a\}$. Logo existe $x \in X$ tal que $g(x) = (x, a)$. Portanto g é sobrejetiva. Como g é injetiva e sobrejetiva, temos g bijetiva. \square

Lema 2. *Existe uma bijeção entre X e $\mathcal{F}(\{a\}, X)$.*

Demonstração. Seja a função $g : X \rightarrow \mathcal{F}(\{a\}, X)$, dada por $g(x) = f_x$, onde $f_x : \{a\} \rightarrow X, f_x(a) = x$. Temos $g(p) = g(q) \iff f_p(a) = f_q(a) \iff p = q$, logo g é injetiva. Dado $f \in \mathcal{F}(\{a\}, X)$, seja $p = f(a)$. Temos $g(p) = f_p = f$. Logo existe $p \in X$ tal que $g(p) = f$. Portanto g é sobrejetiva. Como g é injetiva e sobrejetiva, temos g bijetiva. \square

Lema 3. *Existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(X, Y) \times \mathcal{F}(\{a\}, Y)$ e $\mathcal{F}(X \cup \{a\}, Y)$, com $a \notin X$.*

Demonstração. Seja $\phi : \mathcal{F}(X \cup \{a\}, Y) \rightarrow \mathcal{F}(X, Y) \times \mathcal{F}(\{a\}, Y)$. Que associa $f : X \cup \{a\} \rightarrow Y$ a (g, h) , onde $g : X \rightarrow Y, g(x) = f(x)$ e $h : \{a\} \rightarrow Y, h(a) = f(a)$. Se $\phi(f_1) = \phi(f_2)$, temos $(g_1, h_1) = (g_2, h_2)$, que implica $g_1 = g_2$ e $h_1 = h_2$. Logo $f_1 = f_2$. Logo ϕ é injetiva.

Seja $(g_0, h_0) \in \mathcal{F}(X, Y) \times \mathcal{F}(\{a\}, Y)$. Seja $f : X \cup \{a\} \rightarrow Y, f(x) = \begin{cases} g_0(x), & x \in X \\ h_0(a), & x = a \end{cases}$.

Temos $\phi(f) = (g_0, h_0)$, logo ϕ é sobrejetiva.

Como ϕ é injetiva e sobrejetiva, temos ϕ bijetiva. \square

Proposição 3.7. *Se $f : X \rightarrow Y$ e $g : Y \rightarrow Z$ são bijeções, então $(g \circ f) : X \rightarrow Z$ é uma bijeção.*

Demonstração. Temos $g(f(a)) = g(f(b)) \implies f(a) = f(b) \implies a = b$. Logo $g \circ f$ é injetiva.

Tomando $z \in Z$. Como g é sobrejetiva, existe $y \in Y$ tal que $g(y) = z$. Como f é sobrejetiva, existe $x \in X$ tal que $f(x) = y$. Logo existe $x \in X$ tal que $g(f(x)) = g(y) = z$. Logo $g \circ f$ é sobrejetiva. \square

Proposição 3.8. *Seja $f : X \rightarrow Y$ uma função sobrejetiva. f admite inversa à direita.*

Demonstração. Para todo $y \in Y$, temos $f^{-1}(y) \neq \emptyset$, logo existe $x_y \in f^{-1}(y)$ tal que $f(x_y) = y$. Defina $g : Y \rightarrow X$, que associa $y \rightarrow x_y$ (axioma da escolha). Logo temos $f(g(y)) = f(x_y) = y$. \square

Proposição 3.9. *Seja $f : X \rightarrow Y$ uma função injetiva. f admite inversa à esquerda.*

Demonstração. Queremos definir $g : Y \rightarrow X$. Dado $y \in f(X)$, existe um único $x \in X$ tal que $f(x) = y$. Defina $g(y) = x$. Para $y \in Y - f(X)$, colocamos $g(y) = x_0$, onde $x_0 \in X$ qualquer. Para todo $x \in X$, temos $f(x) \in f(X)$, logo $g \circ f(x) = x$. \square

Proposição 3.10. Se $f : X \rightarrow Y$ é uma função então $f' : X \rightarrow f(X)$, definida como $f'(x) = f(x)$, é uma sobrejeção.

Demonstração. Seja $y \in f(X)$. Por definição de $f(X)$, existe $x \in X$ tal que $f(x) = y$. Logo f' é sobrejetiva. \square

Proposição 3.11. Se $f : X \rightarrow Y$ é uma injeção então $f' : X \rightarrow f(X)$, definida como $f'(x) = f(x)$, é uma bijeção.

Demonstração. Pela proposição anterior, f' é sobrejetiva. Dados $a, b \in X$ com $f'(a) = f(a) = f(b) = f'(b)$. Como f é injetiva, temos $a = b$, logo f' é injetiva. \square

Proposição 3.12. Se $f : A \cup B \rightarrow C$ é uma bijeção, então $f' : A \rightarrow C - f(B)$, $a \mapsto f(a)$ é uma bijeção.

Demonstração. Se $a, b \in A \subset A \cup B$, temos $f'(a) = f'(b) \iff f(a) = f(b) \implies a = b$ (f é injetiva). Logo f' é injetiva.

Tomando $y \in C - f(B)$. Como f é sobrejetiva, existe $x \in A \cup B$ tal que $f(x) = y$. Se $x \in B$, teríamos $f(x) \in f(B)$, logo $f(x) \notin C - f(B)$ (contradição). Logo devemos ter $x \in A$. Logo existe $x \in A$ tal que $f'(x) = f(x) = y$. Logo f' é sobrejetiva. \square

Proposição 3.13. Se $f : A \rightarrow B$ é uma bijeção e $C \subset B$, então $f' : f^{-1}(C) \rightarrow C$, $x \mapsto f(x)$ é uma bijeção.

Demonstração. Se $a, b \in f^{-1}(C) \subset A$, temos $f'(a) = f'(b) \iff f(a) = f(b) \implies a = b$ (f é injetiva). Logo f' é injetiva.

Tomando $y \in C$. Como f é sobrejetiva, existe $x \in A$ tal que $f(x) = y \in C$. Como $f(x) \in C$, temos $x \in f^{-1}(C)$. Logo existe $x \in f^{-1}(X)$ tal que $f'(x) = y$. Logo f' é sobrejetiva. \square

Proposição 3.14. Seja $f : A \rightarrow B$ uma função e $X \subset Y \subset B$. Temos $f^{-1}(X) \subset f^{-1}(Y)$.

Demonstração. Se $x \in f^{-1}(X)$, temos $f(x) \in X$. Como $X \subset Y$, temos $f(x) \in Y$. Portanto $x \in f^{-1}(Y)$. Como $x \in f^{-1}(X) \implies x \in f^{-1}(Y)$, temos $f^{-1}(X) \subset f^{-1}(Y)$. \square

Proposição 3.15. Seja $f : A \rightarrow B$ uma função bijetiva e $X, Y \subset B$. Temos $f^{-1}(X) = f^{-1}(Y) \iff X = Y$.

Demonstração. Se $X = Y$ é direto. Supondo $f^{-1}(X) = f^{-1}(Y)$. Se $x \in X$, existe $a \in A$ tal que $f(a) = x$. Logo $a \in f^{-1}(X)$. Portanto $a \in f^{-1}(Y)$. Logo $x = f(a) \in Y$. Temos $x = f(a) \in X \implies x = f(a) \in Y$. Para $y \in Y$ é análogo. Logo temos $X = Y$. \square

Proposição 3.16. Se existe a bijeção $f : \{a\} \rightarrow X$, então $X = \{b\}$ para algum b .

Demonstração. Seja $b = f(a) \in X$. Seja $c \in X$. Como f é sobrejetiva, existe $k \in \{a\}$ tal que $f(k) = c$. Temos obrigatoriamente que $k = a$, logo $b = f(a) = c$. Logo $X = \{b\}$. \square

Proposição 3.17. *Se $f : A \rightarrow B$ e $g : C \rightarrow D$ são bijeções, então $h : A \times B \rightarrow B \times D$, $h(a, c) = (f(a), g(c))$ é uma bijeção.*

Demonstração. Seja $(b, d) \in B \times D$. Como f e g são sobrejetivas, existem $a \in A$ e $c \in C$ tal que $f(a) = b$ e $g(c) = d$. Logo existe $(a, c) \in A \times C$ tal que $h(a, c) = (f(a), g(c)) = (b, d)$. Logo h é sobrejetiva.

Suponha $h((a, b)) = h((c, d)) \iff (f(a), g(b)) = (f(c), g(d)) \iff f(a) = f(c) \wedge g(b) = g(d)$. Como f e g são injetivas, temos $f(a) = f(c) \implies a = c$ e $g(b) = g(d) \implies b = d$. Logo h é injetiva. Como h é injetiva e sobrejetiva, temos que h é bijetiva. \square

Proposição 3.18. *Se $f : A \rightarrow B$ é uma bijeção, então existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(A, C)$ e $\mathcal{F}(B, C)$.*

Demonstração. Definimos $\phi : \mathcal{F}(A, C) \rightarrow \mathcal{F}(B, C)$, que associa $g : A \rightarrow C$ a $h = g \circ f^{-1} : B \rightarrow C$. Se $\phi(p) = \phi(q)$, temos $p \circ f^{-1} = q \circ f^{-1}$, logo $(p \circ f^{-1}) \circ f = (q \circ f^{-1}) \circ f \implies p = q$, logo ϕ é injetiva. Seja $p \in \mathcal{F}(B, C)$. Seja $h = p \circ f : A \rightarrow C$. Temos $h \in \mathcal{F}(A, C)$ com $\phi(h) = (p \circ f) \circ f^{-1} = p$, logo ϕ é sobrejetiva. \square

Proposição 3.19. *Se $f : A \rightarrow B$ é uma bijeção, então existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(C, A)$ e $\mathcal{F}(C, B)$.*

Demonstração. Definimos $\phi : \mathcal{F}(C, A) \rightarrow \mathcal{F}(C, B)$, que associa $g : C \rightarrow A$ a $h = f \circ g : C \rightarrow B$. Se $\phi(p) = \phi(q)$, temos $f \circ p = f \circ q$, logo $f^{-1} \circ (f \circ p) = f^{-1} \circ (f \circ q) \implies p = q$, logo ϕ é injetiva. Seja $p \in \mathcal{F}(C, B)$. Seja $h = f^{-1} \circ p : C \rightarrow A$. Temos $h \in \mathcal{F}(C, A)$ com $\phi(h) = f^{-1} \circ (f \circ p) = p$, logo ϕ é sobrejetiva. \square

Proposição 3.20. *Não existe sobrejeção entre X e $\mathcal{P}(X)$.*

Demonstração. Suponha que exista a sobrejeção $f : X \rightarrow \mathcal{P}(X)$. Seja $A = \{x \in X \mid x \notin f(x)\}$. Temos $A \in \mathcal{P}(X)$. Como f é sobrejetiva, existe $p \in X$ tal que $f(p) = A$. Temos $p \in A$ ou $p \notin A$. Se $p \in A$, obtemos uma contradição, pois $x \in A \iff x \notin f(x)$ e $f(p) = A$. Se $p \notin A$, temos $p \in A$, pela definição de A . Em ambos os casos, obtemos uma contradição. Logo não existe sobrejeção entre X e $\mathcal{P}(X)$. \square

Proposição 3.21. *Existe injeção entre X e $\mathcal{P}(X)$.*

Demonstração. Seja $f : X \rightarrow \mathcal{P}(X)$, $f(x) = \{x\}$. Temos $f(x) = f(y) \iff \{x\} = \{y\} \iff x = y$. Logo f é injetiva. \square

Proposição 3.22. *Existe injeção entre X e $\mathcal{F}(X, Y)$ se Y possui pelo menos 2 elementos.*

Demonstração. Y possuir 2 elementos implica na existência de $y_1, y_2 \in Y$ com $y_1 \neq y_2$. Logo seja $h : X \rightarrow \mathcal{F}(X, Y)$, que associa $a \in X$ a $g_a : X \rightarrow Y$, dada por

$$g_a(x) = \begin{cases} y_1, & x = a \\ y_2, & x \neq a \end{cases}.$$

Se $h(a) = h(b)$, temos $g_a = g_b$, logo $g_a(x) = g_b(x)$ para todo $x \in X$. Em particular, $g_a(a) = g_b(a)$. Se $a \neq b$, temos $g_a(a) = y_1 = y_2 = g_b(a)$ (contradição). Logo temos $a = b$. Logo h é injetiva. Logo existe injeção entre X e $\mathcal{F}(X, Y)$. \square

Proposição 3.23. *Não existe função sobrejetiva entre X e $\mathcal{F}(X, Y)$ se Y possui pelo menos 2 elementos.*

Demonstração. Seja $f : X \rightarrow \mathcal{F}(X, Y)$ uma função qualquer. Logo f associa $a \in X$ a uma função $\phi_a : X \rightarrow Y$. Para simplificar notação, chamaremos $f(a) = \phi_a$. Seja $g : \mathcal{P}(Y) - \emptyset \rightarrow Y$ a função escolha definida em $\mathcal{P}(Y) - \emptyset$. Seja $h : X \rightarrow Y$ definida por $h(a) = g(Y - \{\phi_a(a)\})$. Como Y tem pelo menos 2 elementos, temos $Y - \{\phi_a(a)\} \neq \emptyset$ para todo $a \in X$. Pela definição de função escolha, temos $h(a) \in Y - \{\phi_a(a)\}$, logo $h(a) \neq \phi_a(a)$ para todo $a \in X$. Logo temos $h \neq \phi_a$ para todo $a \in X$. Logo $h \notin f(X)$. Logo f não é sobrejetiva. \square

3.3 Produto Cartesiano

3.4 Relações

3.4.1 Definições iniciais

Definição 3.6 (Relação). Uma relação R entre os conjuntos A e B é um subconjunto do conjunto $A \times B$.

Definição 3.7 ($a R b$). Dado uma relação entre A e B , dizemos que $a \in A$ está relacionado a $b \in B$ se $(a, b) \in R$. Escrevemos nesse caso $a R b$. Portanto:

$$a R b \iff (a, b) \in R$$

Não utilizarei essa notação, mas algumas fontes usam.

3.4.2 Relações de Equivalência

Definição 3.8 (Relação de equivalência). Uma relação $R \subset A \times A$ é de equivalência, se para todos $a, b, c \in A$:

- (Simetria) $(a, b) \in R \iff (b, a) \in R$.
- (Transitividade) $(a, b) \in R \wedge (b, c) \in R \implies (a, c) \in R$.
- (Reflexividade) $(a, a) \in R$.

Definição 3.9 ($\overset{R}{\sim}$). Quando uma relação R entre A e B for de equivalência, escrevemos $a \overset{R}{\sim} b$ no lugar de $(a, b) \in R$.

Observação 3.1. Quando não houver confusão sobre a relação que estamos tratando, escreverei somente $a \sim b$ no lugar de $a \stackrel{R}{\sim} b$.

Observação 3.2. Re-escrevendo a definição de relação de equivalência usando a nova notação, temos:

Uma relação $R \subset A \times A$ é de equivalência, se para todos $a, b, c \in A$:

- (Simetria) $a \sim b \iff b \sim a$.
- (Transitividade) $a \sim b \wedge b \sim c \implies a \sim c$.
- (Reflexividade) $a \sim a$.

Definição 3.10 (Classe de equivalência). Dado uma relação de equivalência $R \subset A \times A$, a classe de equivalência de um elemento $a \in A$ (denotada por \bar{a}) é dada por

$$\bar{a} = \{x \in A \mid x \sim a\}$$

Proposição 3.24. Dada uma relação de equivalência $R \subset A \times A$ e $a \in A$, temos $a \in \bar{a}$.

Demonstração. Temos $\bar{a} = \{x \in A \mid x \sim a\}$. Como $a \sim a$ pela reflexividade, temos $a \in \bar{a}$. \square

Proposição 3.25. Dado uma relação $R \subset A \times A$ e $a, b \in A$, as afirmações abaixo são equivalentes:

- (a) $\bar{a} = \bar{b}$
- (b) $a \sim b$
- (c) $\bar{a} \cap \bar{b} \neq \emptyset$

Demonstração. (a) \implies (b): Supondo $\bar{a} = \bar{b}$. Como $a \in \bar{a}$, temos $a \in \bar{b}$ pela hipótese. Logo $a \sim b$ pela definição de \bar{b} .

(b) \implies (c): Supondo $a \sim b$. Logo $a \in \bar{b}$. Como $a \in \bar{a}$ e $a \in \bar{b}$, temos $a \in \bar{a} \cap \bar{b} \implies \bar{a} \cap \bar{b} \neq \emptyset$.

(c) \implies (a): Supondo $\bar{a} \cap \bar{b} \neq \emptyset$, logo existe $c \in \bar{a} \cap \bar{b}$, logo $c \sim a$ e $c \sim b$. Se $y \in \bar{a}$, temos $y \sim a$. Como $c \sim a$, temos $y \sim c$. Como $c \sim b$, temos $y \sim b \implies y \in \bar{b}$. Supondo $y \in \bar{b}$, logo $y \sim b$. De $y \sim b \wedge b \sim c \wedge c \sim a$, temos $y \sim a \implies y \in \bar{a}$. Logo $\bar{a} = \bar{b}$. \square

3.4.3 Relação de Ordem

Definição 3.11 (Ordem Parcial). Uma relação $R \subset A \times A$ é uma ordem parcial, se para todos $a, b, c \in A$:

- (Anti-Simetria) $(a, b) \in R \wedge (b, a) \in R \iff a = b$.
- (Transitividade) $(a, b) \in R \wedge (b, c) \in R \implies (a, c) \in R$.
- (Reflexividade) $(a, a) \in R$.

Definição 3.12 (\leq). Se R é uma ordem parcial de A , geralmente escrevemos $a \leq b$ no lugar de $(a, b) \in R$.

Observação 3.3. Re-escrevendo a definição de relação de ordem parcial usando a nova notação, temos:

Uma relação $R \subset A \times A$ é uma ordem parcial, se para todos $a, b, c \in A$:

- (Anti-Simetria) $a \leq b \wedge b \leq a \iff a = b$.
- (Transitividade) $a \leq b \wedge b \leq c \implies a \leq c$.
- (Reflexividade) $a \leq a$.

Definição 3.13 (Comparável). Dado um conjunto A e uma relação de ordem R , dois elementos $a, b \in A$ são comparáveis se $a \leq b$ ou $b \leq a$.

Observação 3.4. Dois elementos de um conjunto parcialmente ordenado podem não ser comparáveis.

Definição 3.14 (Ordem Total). Uma ordem parcial R onde quaisquer dois elementos são comparáveis é uma ordem total. Outros possíveis nomes são ordem linear ou ordem simples.

3.4.4 Funções

Definição 3.15 (Produto Cartesiano de uma Família). Se $\{A_i\}_{i \in I}$ é uma família de conjuntos indexada por I , definimos $\prod_{i \in I} A_i$ como o conjunto de todas

as funções $f : I \rightarrow \bigcup_{i \in I} A_i$ com $f(i) \in A_i$ para todo $i \in I$.

3.5 Números Naturais

3.5.1 Axiomas de Peano

Temos como conceitos primitivos o conjunto dos naturais, denotado por \mathbb{N} , cujos elementos são os números naturais, e uma função $s : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$. Para cada $n \in \mathbb{N}$, o número $s(n)$ é o sucessor de n . Temos os axiomas:

Axioma 5. $s : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$ é injetiva.

Axioma 6. $\mathbb{N} - s(\mathbb{N}) = \{1\}$. Ou seja, só existe um número natural que não é sucessor de nenhum outro, e ele é denotado por 1.

Proposição 3.26. *Todo natural diferente de 1 possui um antecessor.*

Demonstração. Seja $n \neq 1$ um número natural. Suponha que não exista n_0 natural com $s(n_0) = n$. Logo $n \notin s(\mathbb{N})$. Logo $n \in \mathbb{N} - s(\mathbb{N})$. Mas $\mathbb{N} - s(\mathbb{N}) = \{1\}$. Logo $n = 1$. Contradição. Logo existe $n_0 \in \mathbb{N}$ tal que $s(n_0) = n$. \square

Observação 3.5. Observe que a função $s : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N} \setminus \{1\}$ é injetiva por definição e sobrejetiva pela proposição 3.26, logo é uma bijeção entre um subconjunto dos naturais com os naturais.

Axioma 7 (Princípio de indução). *Se $X \subset \mathbb{N}$ é um subconjunto tal que:*

$$\begin{cases} 1 \in X \\ n \in X \implies s(n) \in X \end{cases}$$

Então $\mathbb{N} = X$.

3.5.2 Soma nos Naturais

Definição 3.16 (Soma). Dados $m, n \in \mathbb{N}$, sua soma $m + n$ é definida como:

$$m + n := s^n(m).$$

A soma deve obedecer

$$m + 1 = s(m) \tag{1}$$

$$m + s(n) = s(m + n) \tag{2}$$

para todos os m, n naturais.

Observação 3.6. Dedekind prova o "Teorema da Definição por Indução" para garantir que a notação $s^n(m)$ faça sentido.

Proposição 3.27 (Associatividade da Soma). *Para todos $p, m, n \in \mathbb{N}$, temos $m + (n + p) = (m + n) + p$.*

Demonstração. Seja $X = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall m, n \in \mathbb{N} : m + (n + p) = (m + n) + p\}$. Da definição de adição, temos pra qualquer m, n que $n + 1 = s(n)$, logo $m + (n + 1) = m + s(n) = s(m + n) = (m + n) + 1 \implies m + (n + 1) = (m + n) + 1$. Logo $1 \in X$. Se $p \in X$, temos $m + (n + p) = (m + n) + p$. Logo

$$\begin{aligned} m + (n + s(p)) &= m + s(n + p) \\ &= s(m + (n + p)) \\ &= s((m + n) + p) \\ &= (m + n) + s(p). \end{aligned}$$

Logo $p \in X \implies s(p) \in X$. Temos que $X = \mathbb{N}$ pelo princípio de indução. Logo a soma é associativa nos naturais. \square

Lema 4 (Comutatividade da soma com o 1). *Para todo $m \in \mathbb{N}$, temos $m + 1 = 1 + m$.*

Demonstração. Seja $X = \{m \in \mathbb{N} \mid m + 1 = 1 + m\}$. Temos $1 \in X$, pois $1 + 1 = 1 + 1$. Supondo $m \in X$, logo $m + 1 = 1 + m$. Temos

$$\begin{aligned} 1 + s(m) &= s(1 + m) \\ &= s(m + 1) \\ &= (m + 1) + 1 \\ &= s(m) + 1 \end{aligned}$$

Como $m \in X \implies s(m) \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. \square

Proposição 3.28 (Comutatividade da soma). *Para todos $m, n \in \mathbb{N}$, temos $m + n = n + m$.*

Demonstração. Seja $X = \{m \in \mathbb{N} \mid \forall n \in \mathbb{N} : m + n = n + m\}$. Temos $1 \in X$ pelo Lema 4. Supondo $m \in X$, logo $m + n = n + m$ para todo $n \in \mathbb{N}$. Temos

$$\begin{aligned} n + s(m) &= s(n + m) \\ &= s(m + n) \\ &= (m + n) + 1 \\ &= 1 + (m + n) \\ &= (1 + m) + n \\ &= (m + 1) + n \\ &= s(m) + n \end{aligned}$$

Como $1 \in X$ e $m \in X \implies s(m) \in X$, temos $X = \mathbb{N}$ pelo princípio de indução. \square

Proposição 3.29 (Lei do corte). *Para todos $m, n, p \in \mathbb{N}$, temos $m + n = m + p \implies n = p$.*

Demonstração. Seja $X = \{m \in \mathbb{N} \mid \forall n \in \mathbb{N} \forall p \in \mathbb{N} : m + n = m + p \implies n = p\}$. Temos $1 \in X$ pois $1 + n = 1 + p \implies n + 1 = p + 1 \implies s(n) = s(p) \implies n = p$ pela injetividade de s . Supondo $m \in X$, temos $m + n = m + p \implies n = p$ para todos n, p naturais. Temos

$$s(m) + n = s(m) + p \implies$$

$$n + s(m) = p + s(m) \implies$$

$$s(n + m) = s(p + m) \implies$$

$$n + m = p + m \implies$$

$$m + n = m + p \implies$$

$$n = p.$$

Logo $s(m) + n = s(m) + p \implies n = p$. Como $1 \in X$ e $m \in X \implies s(m) \in X$, temos $X = \mathbb{N}$ pelo princípio de indução. \square

Lema 5 (Não existem ciclos nos naturais). *Para todos $m, p \in \mathbb{N}$, temos $m \neq m + p$.*

Demonstração. Suponha que $m = m + p$ com $m, p \in \mathbb{N}$. Logo $s(m) = s(m + p) \implies m + 1 = (m + p) + 1 \implies m + 1 = m + (p + 1) \implies 1 = p + 1 \implies s(p) = 1$. Como 1 não é sucessor de nenhum natural, temos uma contradição. Logo $m \neq m + p$ para todos naturais m, p . \square

Lema 6 (Unicidade da Tricotomia). *Dados dois naturais m e n , apenas uma das 3 possibilidades ocorre:*

$$\begin{cases} m = n \\ \exists p \in \mathbb{N} : m = n + p \\ \exists q \in \mathbb{N} : n = m + q \end{cases}$$

Demonstração. Pelo lema 5, se $m = n$, não podemos ter $m = n + p = m + p$ ou $n = m + q = n + q$ para algum $p, q \in \mathbb{N}$. Se $\exists p \in \mathbb{N} : m = n + p$, não podemos ter $m = n$ pelo lema 5 e não podemos ter $\exists q \in \mathbb{N} : n = m + q$, pois teríamos $m = n + p = (m + q) + p = m + (q + p) \implies m = m + (q + p)$, que contradiz o lema 5. \square

Proposição 3.30 (Tricotomia). *Dados dois naturais m e n , exatamente uma das 3 possibilidades ocorre:*

$$\left\{ \begin{array}{l} m = n \\ \exists p \in \mathbb{N} : m = n + p \\ \exists q \in \mathbb{N} : n = m + q \end{array} \right.$$

Demonstração. Seja $X = \{m \in \mathbb{N} \mid \forall n \in \mathbb{N} : (m = n) \vee (\exists p \in \mathbb{N} : m = n + p) \vee (\exists q \in \mathbb{N} : n = m + q)\}$, ou seja: o conjunto dos números naturais que satisfazem pelo menos uma das condições da tricotomia para todo n .

$1 \in X$, pois dado $n \in \mathbb{N}$, temos $n = 1$ ou $n \neq 1$. Se $n = 1$, temos $m = 1 = n$. Se $n \neq 1$, como $\mathbb{N} - s(\mathbb{N}) = \{1\}$, temos que existe um $n_0 \in \mathbb{N}$ tal que $s(n_0) = n$. Logo $n = n_0 + 1 \implies \exists q : n = q + 1 = q + m$.

Supondo $m \in X$. Dado $n \in \mathbb{N}$, se $m = n$, temos $s(m) = s(n) = n + 1$, logo $\exists p \in \mathbb{N} : s(n) = n + p$. Se $\exists p \in \mathbb{N} : m = n + p$, temos $s(m) = s(n + p) = (n + p + 1) = n + s(p)$, logo $\exists p' \in \mathbb{N} : s(n) = n + p'$. Se $\exists q \in \mathbb{N} : n = m + q$ com $q = 1$, temos $n = m + 1 = s(m)$. Se $\exists q \in \mathbb{N} : n = m + q$ com $q \neq 1$, existe $q_0 \in \mathbb{N}$ tal que $s(q_0) = q$, logo temos $n = m + q = m + s(q_0) = m + (q_0 + 1) = m + 1 + q_0 = s(m) + q_0 \implies \exists q' \in \mathbb{N} : n = s(m) + q'$.

Como $1 \in X$ e $m \in X \implies s(m) \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. Logo para todo par $m, n \in \mathbb{N}$, pelo menos uma das condições da tricotomia ocorre. Pelo lema 6, apenas uma das possibilidades ocorre. \square

3.5.3 Ordem nos Naturais

Definição 3.17 ($<$).

$$m < n \iff \exists p \in \mathbb{N} : n = m + p$$

Dados m, n naturais, dizemos que m é menor que n ($m < n$) quando existe $p \in \mathbb{N}$ tal que $n = m + p$.

Proposição 3.31. *Temos $1 < n$ para todo $1 \neq n \in \mathbb{N}$.*

Demonstração. Como $n \neq 1$, temos pela proposição 3.26 que n possui um antecessor. Logo existe n_0 tal que $s(n_0) = n \implies n = 1 + n_0$. Logo $1 < n$. \square

Definição 3.18 (\leq).

$$m \leq n \iff (m = n) \vee (m < n)$$

Proposição 3.32 (Transitividade da relação $<$). $m < n \wedge n < p \implies m < p$

Demonstração. Se $m < n$ e $n < p$, temos $n = m + q$ e $p = n + r$ para algum par $q, r \in \mathbb{N}$. Logo $p = n + r = (m + q) + r = m + (q + r)$. Logo $m < p$. \square

Proposição 3.33 (Tricotomia da relação $<$). *Dados $m, n \in \mathbb{N}$, exatamente uma das afirmações ocorre: $m = n$, ou $m < n$, ou $n < m$.*

Demonstração. Segue diretamente da proposição 3.30. \square

Proposição 3.34.

$$p \leq q \wedge q \leq p \iff p = q$$

Demonstração. Supondo $p = q$, temos $p \leq q$ e $q \leq p$.

Supondo $p \leq q \wedge q \leq p$. Se $p = q$, acabou a demonstração. Supondo $p \neq q$. Logo devemos ter $p < q$ e $q < p$ (contradição). Logo devemos ter $p = q$. \square

Proposição 3.35. *Dados m, n, p naturais, temos*

$$m + p < n + p \implies m < n.$$

Demonstração. Temos $m + p < n + p \implies \exists q \in \mathbb{N} : n + p = (m + p) + q \implies \exists q \in \mathbb{N} : n = m + q \implies m < n$. \square

Lema 7.

$$m < n + 1 \iff m \leq n$$

Demonstração. Supondo $m < n + 1$. Logo existe $q \in \mathbb{N}$ tal que $n + 1 = m + q$. Se $q = 1$, temos $n + 1 = m + 1 \implies n = m \implies m \leq n$. Se $q \neq 1$, existe q_0 tal que $s(q_0) = q$. Logo $n + 1 = m + s(q_0) = m + q_0 + 1 \implies n = m + q_0 \implies m < n \implies m \leq n$.

Se $m \leq n$, temos $m \leq n < n + 1 \implies m < n + 1$. \square

3.5.4 Produto nos Naturais

Definição 3.19 (Multiplicação). Para todo $m \in \mathbb{N}$, seja $f_m : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$ que associa cada $p \in \mathbb{N}$ a $f_m(p) = m + p$. Dados $m, n \in \mathbb{N}$, o produto entre naturais satisfaz $m \cdot 1 = m$ e $m \cdot (n + 1) = (f_m)^n(m)$.

Lema 8 (Distributiva do sucessor).

$$m \cdot (n + 1) = mn + m$$

Demonstração. Se $n = 1$, temos $m \cdot (1 + 1) = (f_m)^1(m) = f_m(m) = m + m = m \cdot 1 + m$. Se $n \neq 1$, existe $n_0 \in \mathbb{N}$ tal que $s(n_0) = n$. Logo temos $m \cdot (n + 1) = (f_m)^n(m) = (f_m)^{s(n_0)}(m) = f_m((f_m)^{n_0}(m)) = f_m(m(n_0 + 1)) = f_m(m \cdot n) = mn + m$. \square

Proposição 3.36 (Distributiva à esquerda).

$$m \cdot (n + p) = mn + mp$$

Demonstração. Seja $X = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall m, n \in \mathbb{N} : n \cdot (m + p) = nm + np\}$. Temos $1 \in X$ pelo lema 3.5.4. Supondo $p \in X$. Temos

$$\begin{aligned}
n \cdot (m + s(p)) &= n \cdot ((m + p) + 1) \\
&= n \cdot (m + p) + n \\
&= nm + np + n \\
&= nm + n(p + 1) \\
&= nm + n \cdot s(p)
\end{aligned}$$

Como $p \in X \implies s(p) \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. □

Proposição 3.37 (Distributiva à direita).

$$(m + n) \cdot p = mp + np$$

Demonstração. Seja $X = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall m, n \in \mathbb{N} : (m + n) \cdot p = mp + np\}$. Temos $1 \in X$, pois $(m + n) \cdot 1 = m + n = m \cdot 1 + n \cdot 1$. Supondo $p \in X$. Temos

$$\begin{aligned}
(m + n) \cdot s(p) &= (m + n) \cdot (p + 1) \\
&= (m + n) \cdot p + (m + n) \\
&= mp + np + m + n \\
&= mp + m + np + n \\
&= m(p + 1) + n(p + 1) \\
&= m \cdot s(p) + n \cdot s(p)
\end{aligned}$$

Como $p \in X \implies s(p) \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. □

Proposição 3.38 (Associatividade).

$$m \cdot (n \cdot p) = (m \cdot n) \cdot p$$

Demonstração. Seja $X = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall m, n \in \mathbb{N} : m \cdot (n \cdot p) = (m \cdot n) \cdot p\}$. Temos $m \cdot (n \cdot 1) = m \cdot n = (m \cdot n) \cdot 1$, logo $1 \in X$.

Supondo $p \in X$. Temos

$$\begin{aligned}
 m \cdot (n \cdot s(p)) &= m \cdot (n \cdot (p + 1)) \\
 &= m \cdot (n \cdot p + n) \\
 &= m \cdot (n \cdot p) + m \cdot n \\
 &= (m \cdot n) \cdot p + (m \cdot n) \\
 &= (m \cdot n) \cdot (p + 1) \\
 &= (m \cdot n) \cdot s(p)
 \end{aligned}$$

Como $p \in X \implies s(p) \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. □

Lema 9 (Comutatividade com 1).

$$m \cdot 1 = 1 \cdot m$$

Demonstração. Seja $X = \{m \in \mathbb{N} \mid m \cdot 1 = 1 \cdot m\}$. Temos $1 \cdot 1 = 1 \cdot 1$, logo $1 \in X$.
Supondo $m \in X$. Temos

$$\begin{aligned}
 s(m) \cdot 1 &= (m + 1) \cdot 1 \\
 &= m + 1 \\
 &= m \cdot 1 + 1 \cdot 1 \\
 &= 1 \cdot m + 1 \cdot 1 \\
 &= 1 \cdot (m + 1) \\
 &= 1 \cdot s(m)
 \end{aligned}$$

Como $m \in X \implies s(m) \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. □

Proposição 3.39 (Comutatividade).

$$m \cdot n = n \cdot m$$

Demonstração. Seja $X = \{n \in \mathbb{N} \mid \forall m \in \mathbb{N} : m \cdot n = n \cdot m\}$. Temos $1 \in X$ pelo lema 9. Supondo $n \in X$. Temos

$$\begin{aligned} m \cdot s(n) &= m \cdot (n + 1) \\ &= mn + m \cdot 1 \\ &= nm + 1 \cdot m \\ &= (n + 1) \cdot m \\ &= s(n) \cdot m \end{aligned}$$

Como $p \in X \implies s(p) \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. □

Proposição 3.40 (Monotonicidade).

$$m < n \implies mp < np$$

Demonstração. Supondo $m < n$. Logo $n = m + q$ com $q \in \mathbb{N}$. Logo $np = (m + q)p = mp + qp$. Como $qp \in \mathbb{N}$, temos $mp < np$. □

Proposição 3.41 (Lei do cancelamento).

$$mp < np \implies m < n$$

Demonstração. Supondo $mp < np$. Pela tricotomia, temos $n < m$, $m = n$, ou $m < n$. Se $n < m$, temos $np < mp$ (contradição). Se $m = n$, temos $mp = np$ (contradição). Logo devemos ter $m < n$. □

Definição 3.20 (Elemento Mínimo). Dado $X \subset \mathbb{N}$, dizemos que $p \in X$ é o menor elemento (ou elemento mínimo) de X se $\forall n \in X : p \leq n$.

Observação 3.7. Como $\forall n \in \mathbb{N} : 1 \leq n$, temos que $1 \in X$ implica 1 menor elemento de X .

Proposição 3.42. O elemento mínimo de um conjunto $X \subset \mathbb{N}$, quando existir, é único.

Demonstração. Suponha que dado um conjunto $X \subset \mathbb{N}$, existam $p, q \in X$ elementos mínimos. Logo $p \leq q$ e $q \leq p$. Logo $p = q$. □

Definição 3.21 (Maior elemento). Dado $X \subset \mathbb{N}$, dizemos que $p \in X$ é o maior elemento (ou elemento máximo) de X se $\forall n \in X : p \geq n$.

Proposição 3.43. *Os naturais não possuem maior elemento.*

Demonstração. Suponha que $x \in \mathbb{N}$ seja o maior elemento de \mathbb{N} . Teríamos $s(x) \in \mathbb{N}$ e $x < s(x)$ (contradição). Logo os naturais não possuem maior elemento. \square

Proposição 3.44. *O elemento máximo de um conjunto $X \subset \mathbb{N}$, quando existir, é único.*

Demonstração. Exercício. \square

Definição 3.22 (I_n).

$$I_n := \{x \in \mathbb{N} \mid x \leq n\}$$

Lema 10.

$$I_{n+1} = I_n \cup \{n+1\}$$

Demonstração.

$$\begin{aligned} x \in I_{n+1} &\iff \\ x \leq n+1 &\iff \\ x < n+1 \vee x = n+1 &\iff \\ x \leq n \vee x = n+1 &\iff \\ x \in I_n \vee x \in \{n+1\} &\iff \\ x \in I_n \cup \{n+1\} &\end{aligned}$$

\square

Teorema 1 (Princípio da boa Ordenação). *Todo subconjunto $A \neq \emptyset$ dos naturais admite menor elemento.*

Demonstração. Dado $A \subset \mathbb{N}$ não vazio. Se $1 \in A$, temos 1 menor elemento.

Supondo $1 \notin A$. Logo $1 \in \mathbb{N} - A$. Seja $X = \{x \in \mathbb{N} \mid I_x \subset \mathbb{N} - A\}$. Como $1 \in \mathbb{N} - A$, temos $I_1 = \{1\} \subset \mathbb{N} - A$, logo $1 \in X$. Como A é não vazio, existe $a \in A$. Logo $a \notin \mathbb{N} - A$. Temos $a \leq a \implies a \in I_a$. Logo $I_a \not\subset \mathbb{N} - A$. Logo $a \notin X$. Temos $1 \in X$ e $X \neq \mathbb{N}$, logo o axioma da indução deve falhar. Logo deve existir $n \in X$ com $n+1 = s(n) \notin X$.

Afirmo que $n+1$ é o menor elemento de A . Como $n \in X$, temos $I_n \subset \mathbb{N} - A$, logo $x \leq n \implies x \in \mathbb{N} - A$. Como $n+1 \notin X$, temos $I_{n+1} \not\subset \mathbb{N} - A$. Logo existe um $m \in I_{n+1}$ com $m \notin \mathbb{N} - A \implies m \in A$. Observe que $m \in I_{n+1} \implies m \leq n+1 \implies m = n+1 \vee m < n+1$. Se $m < n+1$, temos pelo Lema 7 que $m \leq n$, que implica $m \in I_n$, logo $m \in \mathbb{N} - A$ (contradição). Logo devemos ter $m = n+1$. Temos portanto que $n+1 \in A$.

Suponha que exista $p \in A$ tal que $p < n+1$. Teríamos $p \leq n \implies p \in I_n \implies p \in \mathbb{N} - A \implies p \notin A$. Contradição. Logo temos $n+1 \leq p$ para todo $p \in A$. Logo $n+1$ é o menor elemento de A . \square

Teorema 2 (Indução completa). *Seja $X \subset \mathbb{N}$ tal que $(\forall m \in \mathbb{N} : m < n \implies m \in X) \implies n \in X$. Então $X = \mathbb{N}$*

Demonstração. Temos $1 \in X$, pois $1 \notin X$ implicaria na existência de um $m < 1$ com $m \notin X$. Supondo $X \neq \mathbb{N}$ e $A = \mathbb{N} - X$. Como $X \neq \mathbb{N}$, temos $A \neq \emptyset$. Logo A possui um menor elemento $a \in A$. Se $p \in \mathbb{N}$ com $p < a$, então $p \notin A$, logo $p \in X$. Como $\forall p \in \mathbb{N} : p < a \implies p \in X$, temos $a \in X$. Contradição. Logo A é vazio. Logo $X = \mathbb{N}$. \square

3.6 Conjuntos Finitos e Infinitos

3.6.1 Conjuntos Finitos

Definição 3.23 (Conjuntos finitos). Um conjunto X é finito quando for vazio ou quando existir para algum $n \in \mathbb{N}$ uma bijeção $\phi : I_n \rightarrow X$

Definição 3.24 (Tamanho de um conjunto). Dado um conjunto finito. Dizemos que ele tem zero elementos se for vazio e que ele tem n elementos se tiver bijeção com I_n .

Observação 3.8. O conjunto I_n é finito e possui n elementos.

Observação 3.9. Denota-se $|A|$ como o tamanho do conjunto A .

Proposição 3.45. *Se $f : X \rightarrow Y$ é uma bijeção, então X é finito se, e somente se, Y for finito.*

Demonstração. Se X for finito, então existe um bijeção $\phi : I_n \rightarrow X$. A composição $(\phi \circ f) : I_n \rightarrow Y$ é uma bijeção, logo Y é finito. O caso Y finito é análogo. \square

Teorema 3. *Seja $A \subset I_n$ não vazio. Se existe uma bijeção $f : I_n \rightarrow A$, então $A = I_n$.*

Demonstração. Seja $X = \{n \in \mathbb{N} \mid \forall A \subset I_n : (\text{Existe uma bijeção } f : I_n \rightarrow A) \implies A = I_n\}$. Temos $1 \in X$, pois $I_1 = \{1\}$ e $A \subset I_1 \implies A = \{1\} = I_1$. Supondo $n \in X$. Seja $A \subset I_{n+1}$ com uma bijeção $f : I_{n+1} \rightarrow A$. Restringindo f a I_n , obtemos $f' : I_n \rightarrow A - \{f(n+1)\}$, que é uma bijeção pela proposição 3.12.

Se $A - \{f(n+1)\} \subset I_n$, temos por $n \in X$ que $A - \{f(n+1)\} = I_n$. Como o contra-domínio de f é A e $A \subset I_{n+1}$, temos que $f(n+1) \in A \implies f(n+1) \in I_{n+1} \implies f(n+1) \in I_n \vee f(n+1) \in \{n+1\}$. Se $f(n+1) \in I_n$, temos $f(n+1) \notin A - \{f(n+1)\}$, logo $A - \{f(n+1)\} \neq I_n$ (contradição). Logo temos $f(n+1) = n+1$. Logo $f(n+1) = n+1 \in A$. Como $A - \{n+1\} = A - \{f(n+1)\} = I_n$, temos $(A - \{n+1\}) \cup \{n+1\} = I_n \cup \{n+1\} \implies A \cup \{n+1\} = I_{n+1} \implies A = I_{n+1}$. Logo temos $A = I_{n+1}$.

Se $A - \{f(n+1)\} \not\subset I_n$. Logo existe $a \in A$ tal que $a \notin I_n$ e $a \neq f(n+1)$. Mas $A \subset I_{n+1}$. Logo $a \in I_{n+1} = I_n \cup \{n+1\}$. Logo devemos ter $a = n+1$. Como f é sobrejetiva, existe $m \in I_{n+1}$ tal que $f(m) = n+1$. Definindo a função

$g : I_{n+1} \rightarrow A$, como $g(x) = \begin{cases} f(x), & x \neq f(n+1) \wedge x \neq n+1 \\ n+1, & x = n+1 \\ f(n+1), & x = m \end{cases}$. Temos g

uma bijeção. Logo a restrição $g' : I_n \rightarrow A - \{g(n+1)\}$ é uma bijeção com $A - \{g(n+1)\} \subset I_n$. Portanto temos $A - \{g(n+1)\} = I_n$ com $A = I_{n+1}$. \square

Proposição 3.46. *Se existe uma bijeção $f : I_n \rightarrow I_m$, então $I_m = I_n$.*

Demonstração. Se $m \leq n$, então existe uma bijeção $f : I_n \rightarrow I_m$ com $I_m \subset I_n$. Logo pelo teorema anterior, temos $I_m = I_n$. Se $n > m$, temos a bijeção $f^{-1} : I_m \rightarrow I_n$ com $I_n \subset I_m$. Logo pelo teorema anterior $I_m = I_n$. \square

Proposição 3.47. *Não existe uma bijeção $f : X \rightarrow Y$ entre um conjunto finito X e uma parte própria $Y \subset X$.*

Demonstração. Como X é finito, existe uma bijeção $g : I_n \rightarrow X$. Suponha que exista uma bijeção $f : X \rightarrow Y$. Como Y é parte própria, existe um $x \in X - Y$. Tome $A = g^{-1}(Y) \subset g^{-1}(X) = I_n$. Temos $g^{-1}(x) \notin A$, logo A é uma parte própria de I_n . Queremos achar uma bijeção $h : I_n \rightarrow A$. Restringindo g a A , obtendo a bijeção $g' : A \rightarrow Y$. Definindo a bijeção $h = (g') \circ f \circ g : I_n \rightarrow A$. Pelo teorema 3, temos que $A = I_n$. Uma contradição, pois A é parte própria de I_n . Logo não existe bijeção entre um conjunto finito X e uma parte própria $Y \subset X$. \square

Lema 11. *Todo subconjunto A de I_n é finito e temos $|A| \leq n$*

Demonstração. Seja $X = \{n \in \mathbb{N} \mid A \subset I_n \implies A \text{ finito} \wedge |A| \leq n\}$. Temos $1 \in X$, pois os subconjuntos de $I_1 = \{1\}$ são $\{\}$ e $\{1\} = I_1$, ambos finitos.

Suponha $n \in X$. Seja $A \subset I_{n+1} = I_n \cup \{n+1\}$. Se $n+1 \notin A$, então temos $A \subset I_n$. Pela hipótese de indução, temos A finito e $|A| \leq n < n+1$.

Supondo $n+1 \in A$. Se $A = \{n+1\}$, temos A finito e $|A| = 1 \leq n$. Supondo $A \neq \{n+1\}$, temos $B = A - \{n+1\} \neq \emptyset$ e $B \subset I_n$. Logo B é finito e temos $k = |B| \leq n$. Como B é finito, existe a bijeção $f : I_k \rightarrow B$. Definindo a bijeção $f' : I_{k+1} \rightarrow A$ pondo $f'(x) = f(x)$ para $x \in I_k$ e $f'(k+1) = n+1$. Logo A é finito e temos $|A| = k+1 \leq n+1$. \square

Lema 12. *Seja $A \subset I_n$. Temos $|A| = n \iff A = I_n$.*

Demonstração. Se $|A| = n$, existe a bijeção $f : I_n \rightarrow A$, com $A \subset I_n$, logo $A = I_n$. \square

Teorema 4. *Todo subconjunto Y de um conjunto finito X é finito e $|Y| \leq |X|$, com $|Y| = |X| \iff X = Y$.*

Demonstração. Se X é finito, existe uma bijeção $f : I_n \rightarrow X$. Seja $A = f^{-1}(Y) \subset I_n$ e seja a bijeção $f' : A \rightarrow Y$ a restrição de f a A . Como $A \subset I_n$, temos A finito e $|A| \leq n$. Logo Y é finito e $|Y| = |A| \leq n$. Temos $|Y| = |A| = n = |X| \iff |A| = I_n$. Logo $f^{-1}(Y) = I_n = f^{-1}(X)$. Logo $X = Y$. \square

Proposição 3.48. *Seja $f : X \rightarrow Y$ uma função injetiva. Se Y é finito, então X é finito e $|X| \leq |Y|$.*

Demonstração. Como existe a injeção $f : X \rightarrow Y$, temos a bijeção $f' : X \rightarrow f(X)$, com $f(X) \subset Y$. Como Y é finito, temos $f(X)$ finito e $|f(X)| \leq |Y|$. Como existe a bijeção $f' : X \rightarrow f(X)$, temos $|X| = |f(X)| \leq |Y|$. \square

Proposição 3.49. *Seja $f : X \rightarrow Y$ uma função sobrejetiva. Se X é finito, então Y é finito e $|Y| \leq |X|$.*

Demonstração. Como f é sobrejetiva, ela admite inversa à direita. Seja $g : Y \rightarrow X$ a inversa à direita de f . Se $g(y) = g(y')$, temos $f(g(y)) = f(g(y'))$, logo $y = y'$. Logo g é injetiva. Pela proposição anterior, temos Y finito com $|Y| \leq |X|$. \square

3.6.2 Conjuntos Infinitos

Definição 3.25 (Conjunto infinito). Um conjunto é infinito quando não for finito.

Observação 3.10. A função sucessor com o contradomínio reduzido é uma bijeção entre uma parte dos naturais com os naturais:

$$s : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N} - \{1\}$$

Logo os naturais são infinitos.

Definição 3.26 (Conjunto limitado). Um conjunto $X \subset \mathbb{N}$ é limitado quando existe $p \in \mathbb{N}$ tal que $\forall n \in X : n \leq p$.

Teorema 5. *Seja $X \subset \mathbb{N}$ não vazio. As seguintes afirmações são equivalentes:*

- X é finito.
- X é limitado.
- X possui maior elemento.

Demonstração. (a) \implies (b)

Seja $A = \{n \in \mathbb{N} \mid |X| = n \implies X \text{ limitado}\}$. Se $|X| = 1$, temos que $X = \{a\}$ para algum $a \in \mathbb{N}$. Logo X é limitado pelo a , pois $a \leq a$. Supondo $n \in X$. Seja $|X| = n + 1$. Logo existe uma bijeção $f : I_{n+1} \rightarrow X$. Tomando a bijeção $f' : I_n \rightarrow X - \{f(n+1)\}$. Logo $X - \{f(n+1)\}$ tem tamanho n . Pela hipótese de indução, temos $X - \{f(n+1)\}$ limitado por um $p \in \mathbb{N}$, ou seja: $\forall t \in X - \{f(n+1)\} : t \leq p$. Se $f(n+1) \leq p$, temos que p limita X . Se $p \leq f(n+1)$, temos para todo $t \in X - \{f(n+1)\}$ que $t \leq p \leq f(n+1)$ e $f(n+1) \leq f(n+1)$, logo $f(n+1)$ limita X .

Como $1 \in A$ e $n \in A \implies n + 1 \in A$, temos $A = \mathbb{N}$

(a) \implies (b) [Outra forma]

Seja $X = \{x_1, x_2, \dots, x_n\}$, defina $a = x_1 + x_2 + \dots + x_n$. Temos $x \leq a$ para todo $x \in X$, logo X é limitado.

(b) \implies (c)

Como X é limitado, existe um $p \in \mathbb{N}$ tal que $\forall n \in X : n \leq p$. É natural pensar que o maior elemento será o menor dos "limitadores". Logo seja $A = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall n \in X : n \leq p\}$. A é não vazio, logo é limitado inferiormente por um $a \in A$. Se $a \in X$, a é o maior elemento de X . Supondo $a \notin X$. Logo temos para todo $n \in X$ que $n \leq a$, mas nunca $n = a$, logo temos $n < a$. Se $a = 1$, temos $n < 1$ (contradição). Se $a \neq 1$, existe a_0 tal que $a_0 + 1 = a$. Pelo lema 7, obtemos $n < a_0 + 1 \implies n \leq a_0$ para todo $n \in X$. Uma contradição, pois $a_0 \in A$ com $a_0 < a$ (a é o menor elemento de A). Logo devemos ter $a \in X$. Logo X possui maior elemento.

(c) \implies (a)

Seja $p \in X$ o maior elemento de X . Conjecturo que $|X| \leq p$. Vamos mostrar que $X \subset I_p$. Seja $x \in X$. Como p é o maior elemento de X , temos $x \leq p$. Como $X \subset \mathbb{N}$, temos $x \in \mathbb{N}$. Como $x \in \mathbb{N}$ e $x \leq p$, temos $x \in I_p$. Como $x \in X \implies x \in I_p$, temos $X \subset I_p$. Logo X é finito e $|X| \leq p$. \square

Teorema 6. *Sejam X, Y conjuntos finitos disjuntos, então $X \cup Y$ é finito e $|X \cup Y| = |X| + |Y|$.*

Demonstração. Sejam $f_x : I_n \rightarrow X$ e $f_y : I_m \rightarrow Y$ bijeções. Seja $f_{xy} : I_{n+m} \rightarrow X \cup Y$ definida como:

$$f_{xy}(p) = \begin{cases} f_x(p), & p \leq n \\ f_y(r), & n < p \leq n + m \end{cases}$$

Se $n < p$, existe $r \in \mathbb{N}$ tal que $p = n + r$. Como $p \leq n + m$, temos $r \leq m$.

Supondo $f_{xy}(p) = f_{xy}(q)$ com $p \neq q$. Logo $p < q$ ou $q < p$. Supondo sem perda de generalidade que $p < q$. Se $n < q \leq n + m$ e $p \leq n$, temos $f_x(p) = f_y(q)$, mas X e Y são disjuntos, logo devemos ter ou $p < q \leq n$ ou $n < p < q \leq m + n$. Se $p < q \leq n$, temos $f_x(p) = f_x(q) \implies p = q$ (f_x injetiva). O caso $n < p < q \leq m + n$ é analógico. Logo $f_{xy}(p) = f_{xy}(q) \implies p = q$ (contradição). Logo devemos ter $p = q$. Logo f_{xy} é injetiva.

Seja $p \in X \cup Y$. Logo $p \in X$ ou $p \in Y$. Supondo $p \in X$. Como f_x é sobrejetiva, existe $n_x \in I_n$ tal que $f_x(n_x) = p$. Como $n_x \leq n$, temos $f_{xy}(n_x) = f_x(n_x) = p$. Se $p \in Y$. Como f_y é sobrejetiva, existe $n_y \in I_m$ tal que $f_y(n_y) = p$. Como $n_y \leq m$, temos $n < n + n_y \leq m + n$ e $f_{xy}(n + n_y) = f_y(n_y) = p$ ($n_y = r$). Logo f_{xy} é sobrejetiva.

Logo f_{xy} é bijetiva.

Logo $X \cup Y$ é finito e tem tamanho $n + m = |X| + |Y|$. \square

Proposição 3.50. *Sejam X, Y conjuntos finitos, então $X \cup Y$ é finito e $|X \cup Y| \leq |X| + |Y|$.*

Demonstração. Sejam $f_x : I_n \rightarrow X$ e $f_y : I_m \rightarrow Y$ bijeções. Seja $f_{xy} : I_{n+m} \rightarrow X \cup Y$ definida como:

$$f_{xy}(p) = \begin{cases} f_x(p), & p \leq n \\ f_y(r), & n < p \leq n + m \end{cases}$$

Se $n < p$, existe $r \in \mathbb{N}$ tal que $p = n + r$. Como $p \leq n + m$, temos $r \leq m$.

Seja $p \in X \cup Y$. Logo $p \in X$ ou $p \in Y$. Supondo $p \in X$. Como f_x é sobrejetiva, existe $n_x \in I_n$ tal que $f_x(n_x) = p$. Como $n_x \leq n$, temos $f_{xy}(n_x) = f_x(n_x) = p$. Se $p \in Y$. Como f_y é sobrejetiva, existe $n_y \in I_m$ tal que $f_y(n_y) = p$. Como $n_y \leq m$, temos $n < n + n_y \leq n + m$ e $f_{xy}(n + n_y) = f_y(n_y) = p$ ($n_y = r$). Logo f_{xy} é sobrejetiva.

Logo $X \cup Y$ é finito e $|X \cup Y| \leq |X| + |Y|$. □

Proposição 3.51. *Temos para todos $m, n \in \mathbb{N}$ que $I_n \times I_m$ é finito e $|I_n \times I_m| = n \cdot m$.*

Demonstração. Seja $X = \{n \in \mathbb{N} \mid \forall m \in \mathbb{N} : |I_n \times I_m| = n \cdot m\}$. Temos $1 \in X$, pois para qualquer $m \in \mathbb{N}$, existe uma bijeção entre I_m e $I_m \times I_1$, logo $I_m \times I_1$ é finito e $|I_m \times I_1| = |I_m| = m = 1 \cdot m$.

Supondo $n \in X$. Dado $m \in \mathbb{N}$, seja $I_m \times I_{n+1} = I_m \times (I_n \cup \{n+1\}) = (I_m \times I_n) \cup (I_m \times \{n+1\})$. Temos $(I_m \times I_n)$ finito e $|I_m \times I_n| = m \cdot n$ (hipótese de indução) e $I_m \times \{n+1\}$ finito com $|I_m \times \{n+1\}| = m$. Logo $|I_m \times I_{n+1}| = |(I_m \times I_n) \cup (I_m \times \{n+1\})| = mn + m = m \cdot (n+1)$.

Como $1 \in X$ e $n \in X \implies n+1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. □

Proposição 3.52. *Sejam X, Y conjuntos finitos, então $X \times Y$ é finito e $|X \times Y| = |X| \times |Y|$.*

Demonstração. Sejam $f_x : I_n \rightarrow X$ e $f_y : I_m \rightarrow Y$ bijeções. Logo $g : I_n \times I_m \rightarrow X \times Y$, definida por $g(p, q) = (f_x(p), f_y(q))$ é uma bijeção. Logo $|X \times Y| = |I_n \times I_m| = m \cdot n = |X| \times |Y|$. □

Proposição 3.53. *Temos para todos $m, n \in \mathbb{N}$ que $\mathcal{F}(I_n, I_m)$ é finito e $|\mathcal{F}(I_n, I_m)| = m^n$.*

Demonstração. Seja $X = \{n \in \mathbb{N} \mid \forall m \in \mathbb{N} : |\mathcal{F}(I_n, I_m)| = m^n\}$. Temos $1 \in X$, pois para qualquer $m \in \mathbb{N}$, existe uma bijeção entre I_m e $\mathcal{F}(I_1, I_m)$, logo $\mathcal{F}(I_1, I_m)$ é finito e $|\mathcal{F}(I_1, I_m)| = |I_m| = m = m^1$.

Supondo $n \in X$. Temos $\mathcal{F}(I_{n+1}, I_m) = \mathcal{F}(I_n \cup \{n+1\}, I_m)$. Existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(I_n \cup \{n+1\}, I_m)$ e $\mathcal{F}(I_n, I_m) \times \mathcal{F}(\{n+1\}, I_m)$. Existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(\{n+1\}, I_m)$ e $\mathcal{F}(I_1, I_m)$. Logo existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(I_n, I_m) \times \mathcal{F}(\{n+1\}, I_m)$ e $\mathcal{F}(I_n, I_m) \times \mathcal{F}(I_1, I_m)$. Como $\mathcal{F}(I_n, I_m)$ é finito e possui tamanho m^n e $\mathcal{F}(I_1, I_m)$ é finito e possui tamanho m^1 , temos $\mathcal{F}(I_n, I_m) \times \mathcal{F}(I_1, I_m)$

finito e de tamanho $m^n \cdot m = m^{n+1}$. Como existe uma bijeção entre $\mathcal{F}(I_n, I_m) \times \mathcal{F}(I_1, I_m)$ e $\mathcal{F}(I_{n+1}, I_m)$, temos $\mathcal{F}(I_{n+1}, I_m)$ finito e de tamanho m^{n+1} .

Como $n \in X \implies n+1 \in X$ e $1 \in X$, temos $X = \mathbb{N}$. \square

Definição 3.27 (Conjunto Enumerável). Um conjunto é dito enumerável se é finito ou se existe uma bijeção $f : \mathbb{N} \rightarrow X$.

Lema 13. \mathbb{N} é enumerável

Demonstração. Seja $f : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$ a função identidade. f é uma bijeção, logo \mathbb{N} é enumerável. \square

Proposição 3.54. Se existe uma injeção $f : \mathbb{N} \rightarrow Y$, então $f(\mathbb{N})$ é enumerável.

Demonstração. Definindo a bijeção $f' : \mathbb{N} \rightarrow f(\mathbb{N})$, $f'(x) = f(x)$. Temos $f(\mathbb{N})$ contável. \square

Proposição 3.55. Todo conjunto infinito X tem um subconjunto enumerável.

Demonstração. Basta construir uma injeção $f : \mathbb{N} \rightarrow X$. Seja $A = \mathcal{P}(X) - \emptyset$. Temos $\bigcup A = X$ e $\emptyset \notin A$. Seja $g : A \rightarrow X$ a função escolha aplicada em A . Logo temos $g(a) \in a \subset X$ para todo $a \in A$. Seja $f : \mathbb{N} \rightarrow X$ definida indutivamente por

$$\begin{cases} f(1) = g(A) \\ f(n+1) = g(A - f(I_n)) \end{cases}.$$

Se $A - f(I_n) = \emptyset$, teríamos $A = f(I_n)$, uma contradição, pois A é infinito e $f(I_n)$ é finito. Logo $A - f(I_n) \neq \emptyset$ para todo $n \in \mathbb{N}$. Logo $g(A - f(I_n))$ está sempre definida.

Queremos mostrar que f é injetiva. Suponha $f(m+1) = f(n+1)$ com $m \neq n$. Suponha sem perda de generalidade que $n < m$. Logo temos $n+1 \in I_m \implies f(n+1) \in f(I_m)$. Por definição, temos $f(n+1) = f(m+1) = g(A - f(I_m)) \in A - f(I_m)$. Contradição, pois $f(n+1) \in f(I_m) \implies f(n+1) \notin A - f(I_m)$. Logo $f(m+1) = f(n+1) \implies m = n$. Logo f é injetiva. Logo $f' : \mathbb{N} \rightarrow f(\mathbb{N})$ é bijetiva e $f(\mathbb{N})$ é contável. Logo existe um subconjunto $f(\mathbb{N})$ de X contável. \square

Proposição 3.56. Um conjunto X é infinito se, e somente se, existir uma bijeção entre X e uma parte própria.

Demonstração. Pela proposição 3.6.1, se existir bijeção X não é finito.

Supondo X infinito. Logo existe subconjunto $Y \subset X$ enumerável. Seja $f : \mathbb{N} \rightarrow Y$ uma bijeção (uma enumeração). Vamos usar o fato da função $s : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N} - \{1\}$ ser uma bijeção. Seja $A = (X - f(\mathbb{N})) \cup f(\mathbb{N} - \{1\}) = (X - Y) \cup (Y - \{f(1)\})$. Temos $f(1) \notin A$, logo A é parte própria de X . Seja $h : A \rightarrow X$ definida por

$$h(x) = \begin{cases} x, & x \in X - Y \\ f(s^{-1}(f^{-1}(x))), & x \in Y - \{f(1)\} \end{cases}$$

Se $x \in Y - \{f(1)\}$, temos $x \in Y$, logo $x \notin X - Y$. Se $x \in Y - \{f(1)\} = f(\mathbb{N} - \{1\})$, temos $f^{-1}(x) \in \mathbb{N} - \{1\}$, logo $s^{-1}(f^{-1}(x))$ está definida. Logo h está bem definida.

Se $h(x) = h(y)$, com $x, y \in X - Y$, temos $h(x) = h(y) \implies x = y$. Se $h(x) = h(y)$ com $x, y \in Y - \{f(1)\}$, temos $f(s^{-1}(f^{-1}(x))) = f(s^{-1}(f^{-1}(y))) \implies x = y$ (f, s^{-1} são bijeções). Se $h(x) = h(y)$ com $x \in X - Y$ e $y \in Y - \{f(1)\}$, temos $h(x) = x = f(s^{-1}(f^{-1}(y))) = h(y)$. Temos $f(a) \in Y$ para todo $a \in \mathbb{N}$. Logo $f(s^{-1}(f^{-1}(y))) = x \in Y$. Contradição, pois $x \in X - Y$. Logo h é injetiva.

Seja $x \in X$. Temos $x \in Y$ ou $x \notin Y$. Se $x \notin Y$, temos $x \in X - Y$, logo $h(x) = x$. Se $x \in Y$, temos $x = f(n)$ com $n \in \mathbb{N}$. Temos $s(n) \in \mathbb{N} - \{1\}$, logo $y = f(s(n)) \in Y - \{f(1)\}$. Logo $h(y) = f(s^{-1}(f^{-1}(y))) = f(n) = x$. Logo h é sobrejetiva.

Como $h : A \rightarrow X$ é bijetiva, existe bijeção entre X e uma parte própria de X . \square

Proposição 3.57. *Todo subconjunto $X \subset \mathbb{N}$ é enumerável.*

Demonstração. Se X for finito, ele é enumerável por definição. Se X for infinito. Seja $f : \mathbb{N} \rightarrow X$ definida indutivamente por

$$\begin{cases} f(1) = \min(X) \\ f(n+1) = \min(X - f(I_n)) \end{cases}$$

Como $f(I_n)$ é sempre finito, temos $X - f(I_n) \neq \emptyset$ para todo $n \in \mathbb{N}$. Logo o princípio da boa ordenação vale para $X - f(I_n)$. Logo f está bem definida.

Se $f(x+1) = f(y+1)$, com $x < y$ (sem perda de generalidade), temos $x+1 \in I_y \implies f(x+1) \in f(I_y)$. Logo $f(x+1) \notin X - f(I_y)$. Logo $f(x+1) \neq f(y+1)$, pois $f(y+1) \in X - f(I_y)$. Logo f é injetiva.

Suponha $X \neq f(\mathbb{N})$. Logo $X - f(\mathbb{N}) \neq \emptyset$. Seja $y \in X - f(\mathbb{N})$. Seja $x \in f(\mathbb{N})$ qualquer. Logo $x = f(n)$ para algum $n \in \mathbb{N}$. Se $x = f(1)$, temos $x = \min(X)$. Como $y \in X$, temos $x \leq y$. Se $x \neq f(1)$, temos $x = f(n+1) = \min(X - f(I_n))$. Como $y \in X - f(\mathbb{N}) \subset X - f(I_n)$, temos $y \in X - f(I_n)$, logo $x \leq y$. Ou seja: $\forall x \in \mathbb{N} : x \leq y$. Logo \mathbb{N} é limitado superiormente por y . Contradição (conjunto finito não possui limite superior). Logo $X = f(\mathbb{N})$.

Como f é injetiva e sobrejetiva, temos f bijetiva. Logo X é enumerável. \square

Proposição 3.58. *Se $f : X \rightarrow Y$ é uma bijeção e Y é enumerável, então X é enumerável.*

Demonstração. Se X for finito, ele é enumerável. Se X for infinito, então Y é infinito. Como Y é enumerável, existe uma bijeção $g : Y \rightarrow \mathbb{N}$. Logo existe a bijeção $g \circ f : X \rightarrow \mathbb{N}$. Logo X é enumerável. \square

Proposição 3.59. *Todo subconjunto X de um conjunto enumerável Y é enumerável.*

Demonstração. Se X for finito, ele é enumerável. Se X for infinito, então Y é infinito. Logo existe uma bijeção $f : Y \rightarrow \mathbb{N}$. Seja a bijeção $f' : X \rightarrow f(X)$ a restrição de f a X . Como $f(X) \subset \mathbb{N}$, temos $f(X)$ enumerável. Como existe uma bijeção entre X e um conjunto enumerável, temos X enumerável. \square

Proposição 3.60. *Se $f : X \rightarrow Y$ é uma injeção e Y é enumerável, então X é enumerável.*

Demonstração. Se X for finito, ele é enumerável. Se X for infinito, então Y é infinito. Temos $f(X) \subset Y$ é enumerável (subconjunto de conjunto enumerável). Seja a bijeção $f' : X \rightarrow f(X)$ a restrição de f a X . Como existe uma bijeção entre X e um conjunto enumerável, temos X enumerável. \square

Proposição 3.61. *Se $f : X \rightarrow Y$ é uma sobrejeção e X é enumerável, então Y é enumerável.*

Demonstração. Como f é sobrejetiva, ela admite inversa à direita. Seja $g : Y \rightarrow X$ a inversa à direita de f . Se $g(y) = g(y')$, temos $f(g(y)) = f(g(y'))$, logo $y = y'$. Logo g é injetiva. Pela proposição anterior, temos Y enumerável. \square

Lema 14. *Um conjunto X é enumerável se, e somente se, existir uma injeção $f : X \rightarrow \mathbb{N}$.*

Demonstração. Supondo X for enumerável. Se X for finito, existe uma bijeção $h : X \rightarrow I_n$. Como $I_n \subset \mathbb{N}$, existe uma injeção $X \rightarrow \mathbb{N}$. Se X for infinito, existe uma bijeção $g : X \rightarrow \mathbb{N}$. Em ambos os casos existe uma injeção entre X e \mathbb{N} .

Supondo que existe uma injeção $f : X \rightarrow \mathbb{N}$. Como \mathbb{N} é enumerável, temos X enumerável. \square

Lema 15. (Teorema fundamental da aritmética) *Todo número natural ou é primo ou se escreve de modo único como um produto de números primos.*

Demonstração. Aritmética, Ahbramo. \square

Lema 16. $\mathbb{N} \times \mathbb{N}$ é enumerável

Demonstração. Seja $h : \mathbb{N} \times \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$, $h(m, n) = 2^m \cdot 3^n$. Se $h(m, n) = h(v, w)$, temos $2^m \cdot 3^n = 2^v \cdot 3^w$. Pelo lema anterior, temos $m = v$ e $n = w$. Logo $h(m, n) = h(v, w)$. Logo h é injetiva. Logo $\mathbb{N} \times \mathbb{N}$ é enumerável. \square

Proposição 3.62. *Se X, Y são enumeráveis, temos $X \times Y$ enumerável.*

Demonstração. Existem injeções $f : X \rightarrow \mathbb{N}$ e $g : Y \rightarrow \mathbb{N}$. Logo a função $h : X \times Y \rightarrow \mathbb{N} \times \mathbb{N}$, $h(x, y) = (f(x), g(y))$ é uma injeção entre $X \times Y$ e um conjunto enumerável. Logo $X \times Y$ é enumerável. \square

Proposição 3.63. *Seja $(X_\lambda)_{\lambda \in L}$ uma família enumerável de conjuntos enumeráveis. Temos $Y = \bigcup_{\lambda \in L} X_\lambda$ enumerável.*

Demonstração. Como X_λ é enumerável para todo $\lambda \in L$, temos que existe uma função $f_\lambda : X \rightarrow \mathbb{N}$ injetiva para todo $\lambda \in L$. Definindo $g : Y \rightarrow \mathbb{N}$, dada por $g(x) = \min \{n \in \mathbb{N} | x \in X_n\}$. Se $x \in Y$, temos $x \in X_\lambda$ para algum $\lambda \in L$, logo $\{n \in \mathbb{N} | x \in X_n\}$ é não vazio. Para simplificar notação, vamos chamar $g(x) = n_x$. Seja $h : Y \rightarrow \mathbb{N} \times \mathbb{N}$, definida por $h(x) = (f_{n_x}(x), n_x)$. Afirimo que h é injetiva. De fato, se $h(x) = h(y)$, temos $(f_{n_x}(x), n_x) = (f_{n_y}(y), n_y) \iff f_{n_x}(x) = f_{n_y}(y) \wedge n_x = n_y$. Como $n_x = n_y$, temos $f_{n_x} = f_{n_y}$, logo $f_{n_x}(x) = f_{n_y}(x) = f_{n_y}(y)$. Mas f_y é injetiva, logo $x = y$. Logo h é injetiva. Logo Y é enumerável. \square

Proposição 3.64. *Dados dois conjuntos X, Y , apenas um das 3 possibilidades ocorre:*

- *Existe uma injeção $f : X \rightarrow Y$ e não existe sobrejeção $g : X \rightarrow Y$.*
- *Existe bijeção $f : X \rightarrow Y$.*
- *Existe uma injeção $f : Y \rightarrow X$ e não existe sobrejeção $g : Y \rightarrow X$.*

Demonstração. Naive Set Theory. \square

Definição 3.28. Definimos para conjuntos infinitos $\text{card}(X) = \text{card}(Y)$ se, e somente se, existir bijeção $f : X \rightarrow Y$. Definimos $\text{card}(X) < \text{card}(Y)$ se existir injeção $f : X \rightarrow Y$ e não existir sobrejeção $g : X \rightarrow Y$. E $\text{card}(X) > \text{card}(Y)$ caso contrário.

Proposição 3.65. (Cantor-Bernstein-Schröder Theorem) *Se existir injeções $f : X \rightarrow Y$ e $g : Y \rightarrow X$, então existe bijeção $h : X \rightarrow Y$.*

Demonstração. \square

Proposição 3.66. *Seja $(X_\lambda)_{\lambda \in \mathbb{N}}$ uma família de conjuntos de tamanho maior ou igual a 2. Temos $Y = \prod_{\lambda \in \mathbb{N}} X_\lambda$ não é enumerável.*

Demonstração. Lembrando que cada elemento de Y é uma função $\phi : \mathbb{N} \rightarrow \bigcup_{\lambda \in \mathbb{N}} X_\lambda$, onde $\phi(n) \in X_n$. Suponha Y enumerável. Logo existe uma bijeção $f : \mathbb{N} \rightarrow Y$. Para simplificar a notação, denotaremos a função $f(n)$ por f_n . Como X_λ possui pelo menos 2 elementos, existem $a_\lambda, b_\lambda \in X_\lambda$ para todo $\lambda \in \mathbb{N}$. Seja $h : \mathbb{N} \rightarrow \bigcup_{\lambda \in \mathbb{N}} X_\lambda$, definida por

$$h(x) = \begin{cases} a_x, & f_x(x) \neq a_x \\ b_x, & f_x(x) = a_x \end{cases}.$$

Temos $h(n) \neq f_n(n)$ para todo $n \in \mathbb{N}$, logo $h \neq f_n$ para todo $n \in \mathbb{N}$. Como $h \in Y$ e $h \notin f(\mathbb{N})$, temos que f não é sobrejetiva. Logo f não é bijetiva (contradição). Logo Y não é enumerável. \square

4 Anéis

4.1 Definições iniciais

Definição 4.1 (Anel). Seja A um conjunto e $+$: $A \times A \rightarrow A$, \cdot : $A \times A \rightarrow A$ funções. Dizemos que $(A, +, \cdot)$ é um anel se :

1. $\forall x, y, z \in A : x + (y + z) = (x + y) + z$
2. $\forall x, y \in A : x + y = y + x$
3. Existe $0_A \in A$ tal que para todo $x \in A$,

$$x + 0_A = x$$

4. Para todo $x \in A$, existe $x' \in A$ tal que:

$$x + x' = 0_A$$

5. $\forall x, y, z \in A : x \cdot (y \cdot z) = (x \cdot y) \cdot z$.

6. $\forall x, y, z \in A :$

$$x \cdot (y + z) = x \cdot y + x \cdot z$$

$$(x + y) \cdot z = x \cdot z + y \cdot z$$

7. Existe um elemnto $1_A \in A$ tal que para todo $x \in A$:

$$x \cdot 1_A = 1_A \cdot x = x.$$

8. $\forall x, y \in A : x \cdot y = y \cdot x$.

Proposição 4.1. *Existe um único elemento $0_A \in A$ tal que $\forall x \in A : x + 0_A = x$.*

Demonstração. Suponha que existam $0_A, 0'_A \in A$ tal que $\forall x \in A : \begin{cases} x + 0_A = x \\ x + 0'_A = x \end{cases}$.

Como $0_A, 0'_A \in A$, temos $0'_A + 0_A = 0'_A$ e $0_A + 0'_A = 0_A$. Logo pela comutatividade da soma $0'_A = 0'_A + 0_A = 0_A + 0'_A = 0_A \iff 0_A = 0'_A$. Logo existe um único $0_A \in A$ tal que $\forall x \in A : x + 0_A = x$. \square

Definição 4.2 (Elemento Neutro da Soma). O único elemento $0_A \in A$ tal que $\forall x \in A : x + 0_A = x$ é chamado de elemento neutro da soma.

Proposição 4.2. *Para todo $x \in A$, existe um único $y \in A$ tal que $x + y = 0_A$.*

Demonstração. Suponha que existam $y, y' \in A$ tal que $x + y = x + y' = 0$. Logo $y = y + 0_A = y + (x + y') = y + (x + y') = (y + x) + y' = (x + y) + y' = 0_A + y' = y' + 0_A = y' \iff y = y'$.

Logo existe um único $y \in A$ tal que $x + y = 0_A$. \square

Definição 4.3 (Simétrico). Dado $x \in A$, chamamos o único elemento $y \in A$ tal que $x + y = 0_A$ de simétrico e escrevemos $y = -x$. Logo $x + (-x) = 0_A$.

Definição 4.4 (Subtração). A operação "somar com inverso" é chamada subtração e escrevemos

$$x + (-y) = x - y$$

Proposição 4.3. Existe um único elemento $1_A \in A$ tal que $\forall x \in A \ x \cdot 1_A = 1_A \cdot x = x$.

Demonstração. Suponha que existam $1_A, 1'_A \in A$ tal que $\forall x \in A : \begin{cases} x \cdot 1_A = x \\ x \cdot 1'_A = x \end{cases}$.

Em particular, temos $\begin{cases} 1'_A \cdot 1_A = 1'_A \\ 1_A \cdot 1'_A = 1_A \end{cases} \implies 1'_A = 1'_A \cdot 1_A = 1_A \cdot 1'_A = 1_A$. Logo existe um único elemento $1_A \in A$ tal que $\forall x \in A \ x \cdot 1_A = 1_A \cdot x = x$. \square

Definição 4.5 (Elemento Neutro do Produto). O único elemento $1_A \in A$ tal que $\forall x \in A \ x \cdot 1_A = 1_A \cdot x = x$ é chamado de elemento neutro do produto.

Proposição 4.4. Se A é um anel $x, y, z \in A$, então $x + z = y + z \implies x = y$.

Demonstração. Supondo $x + z = y + z$, temos $y = y + 0_A = y + (z - z) = (y + z) - z = (x + z) - z = x + (z - z) = x + 0_A = x$. Logo $x + z = y + z \implies x = y$. \square

Proposição 4.5. Se A é um anel, então $\forall x \in A : x \cdot 0_A = 0_A$

Demonstração. Temos $x \cdot 0_A = x \cdot (0_A + 0_A) = x \cdot 0_A + x \cdot 0_A \iff x \cdot 0_A + 0_A = x \cdot 0_A + x \cdot 0_A \implies x \cdot 0_A = 0_A$ pela proposição anterior. \square

Proposição 4.6. Seja A um anel. Para todos $x, y, z \in A$, temos:

- (a) $-(-x) = x$
- (b) $-(xy) = (-x)y = x(-y)$
- (c) $(-x)(-y) = xy$
- (d) $(-1_A)x = -x$

Demonstração.

- (a) Definimos $-y = z$ como o único elemento $z \in A$ tal que $y + z = 0_A$. Logo $(-x) + (-(-x)) = 0_A$ por definição. Mas $x + (-x) = 0_A$. Logo pela unicidade, temos $x = -(-x)$.
- (b) Temos $(-x)y + xy = (-x + x)y = 0_A y = 0_A$ e $x(-y) + xy = x(-y + y) = x \cdot 0_A = 0_A$, que implica $(-x)y$ e $x(-y)$ inversos aditivos de xy . Da unicidade, temos $-(xy) = (-x)y = x(-y)$.

(c) Pelos itens anteriores, temos $(-x)(-y) = -(x \cdot (-y)) = -(-(xy)) = xy$.

(d) Do item (b), temos $(-1_A)x = -(1_A \cdot x) = -x$.

□

4.1.1 Exercícios

Exercício 4.1.1. Se A é um anel e $x, y, z \in A$, então $x + y = x \implies y = 0_A$.

Demonstração. Se $x + y = x$, temos $x + y = x = x + 0_A \implies y = 0_A$, pelo item anterior. □

4.2 Invertibilidade

Definição 4.6 (Invertível). Um elemento $x \in A$ é invertível em A se existe $y \in A$ tal que

$$x \cdot y = 1_A.$$

Proposição 4.7. Se $x \in A$ é invertível, então existe um único $y \in A$ tal que $x \cdot y = 1_A$.

Demonstração. Dado $x \in A$ invertível, suponha que existam $y, y' \in A$ tal que $x \cdot y = x \cdot y' = 1_A$.

Logo $y' = 1_A \cdot y' = (x \cdot y) \cdot y' = x \cdot (y \cdot y') = x \cdot (y' \cdot y) = (x \cdot y') \cdot y = 1_A \cdot y = y \iff y' = y$.

Logo existe um único $y \in A$ tal que $x \cdot y = 1_A$. □

Definição 4.7 (Inverso multiplicativo). Dado um anel A e $x \in A$ invertível, definimos x^{-1} como o único elemento de A tal que $x \cdot x^{-1} = 1_A$.

Definição 4.8 (Conjunto dos invertíveis). Dado um anel A , o conjunto dos invertíveis em A é denotado por A^\times .

Definição 4.9 (Conjunto dos não-nulos). Dado um anel A , o conjunto dos não-nulos em A é denotado por $A^* = A - \{0\}$.

Definição 4.10 (Anel Nulo). Dizemos que um anel A é nulo se $A = \{0_A\}$.

4.3 Corpos, domínios e anéis reduzidos

Definição 4.11 (Divisor de Zero). Dado A um anel, $x \in A$ é um divisor de zero em A se existe $y \in A - \{0\}$ tal que $xy = 0_A$.

Proposição 4.8. Dado um anel não-nulo A , 0_A é um divisor de zero.

Demonstração. Como A é não nulo, existe $y \in A - \{0\}$. Além disso, $0_A \cdot y = 0_A$. Logo 0_A é um divisor de zero. □

Definição 4.12 (Domínio). Um anel não nulo A é um Domínio se $0_A \in A$ for o único divisor de zero.

Proposição 4.9. *Dado um anel A não nulo, as afirmações a seguir são equivalentes:*

- (a) A é um Domínio;
- (b) $\forall x, y \in A - \{0_A\} : xy \neq 0_A$
- (c) $\forall x, y \in A : xy = 0_A \implies x = 0_A \vee y = 0_A$

Demonstração. (a) \implies (b): Supondo A um domínio. Dados $x, y \in A$ com $x, y \neq 0_A$, se $xy = 0_A$, teríamos x, y divisores de zero em A . Logo teríamos divisores de zero em A diferentes de 0_A . Logo A não seria um domínio (contradição). Portanto devemos ter $xy \neq 0_A$.

(b) \implies (c): Supondo $x, y \in A$ com $xy = 0_A$. Se $x, y \neq 0_A$, teríamos de (b) que $xy \neq 0_A$, logo devemos ter $x = 0_A$ ou $y = 0_A$.

(c) \implies (a): Supondo x um divisor de zero em A , logo $xy = 0_A$ com $y \in A - \{0_A\}$. De (c), temos $xy = 0_A \implies x = 0_A \vee y = 0_A$. Como $y \neq 0_A$, devemos ter $x = 0_A$. Mostramos que qualquer divisor de zero em A é igual a 0_A . Logo A é um domínio. □

Proposição 4.10. *Se A é um domínio, $n \in \mathbb{N}$ e $x_1, \dots, x_n \in A - \{0_A\}$, então $x_1 \cdots x_n \neq 0_A$.*

Demonstração. A prova será por indução. Para $n = 1$, é imediato. Para $n = 2$, segue da proposição anterior. Supondo válido para um $n \in \mathbb{N}$ qualquer. Supondo $x_1, \dots, x_n, x_{n+1} \in A - \{0_A\}$, então $x_1 \cdot x_2 \cdots x_n \cdot x_{n+1} = (x_1 \cdot x_2 \cdots x_n) \cdot x_{n+1}$. Pelo passo de indução, temos $y = x_1 \cdot x_2 \cdots x_n \neq 0_A$. Como $y \neq 0_A$ e $x_{n+1} \neq 0_A$, temos $y \cdot x_{n+1} \neq 0_A$ pelo caso $n = 2$. Logo vale para qualquer $n \in \mathbb{N}$. □

Proposição 4.11. *Se A é um domínio, $n \in \mathbb{N}$ e $x \in A - \{0_A\}$, então $x^n \neq 0_A$.*

Demonstração. Tomando $x \in A - \{0\}$ e $x^n = \underbrace{x \cdot x \cdots x}_{n \text{ vezes}}$ e usando a proposição anterior com $x_1 = x_2 = \dots = x_n = x \neq 0$, temos $x^n \neq 0$. □

Proposição 4.12 (Lei do Corte). *Seja A um domínio. Se $a, x, y \in A$ e $a \neq 0_A$, então*

$$ax = ay \implies x = y.$$

Demonstração. Supondo $a, x, y \in A$ com $a \neq 0_A$ e $ax = ay$. Temos $ax - ay = 0_A \iff a(x - y) = 0_A \implies a = 0_A \vee x - y = 0_A$. Como $a \neq 0_A$, temos $x - y = 0_A \implies x = y$. □

Definição 4.13 (Nilpotente). *Dado um anel A . Um elemento $x \in A$ é nilpotente se $x^n = 0_A$ para algum $n \in \mathbb{N}$.*

Proposição 4.13. *Dado um anel A , $0_A \in A$ é nilpotente.*

Demonstração. Temos $0_A^1 = 0_A$, logo 0_A é nilpotente. \square

Definição 4.14 (Anel Reduzido). Um anel A é um Anel Reduzido se o único elemento nilpotente de A for 0_A .

Definição 4.15 (Corpo). Um anel não nulo A é um corpo se $A^* = A^\times$, ou seja, todo elemento não nulo for invertível.

Proposição 4.14. *Se um anel A é um corpo, então é um domínio.*

Demonstração. Supondo A um corpo. Supondo $x, y \in A$ com $xy = 0_A$. Queremos mostrar que $x = 0_A$ ou $y = 0_A$. Se $y = 0_A$, não temos nada a demonstrar, supondo $y \neq 0_A$. Logo $y \in A^* = A^\times$ (A é um corpo). Logo $x = x \cdot 1_A = x \cdot (y \cdot y^{-1}) = (x \cdot y) \cdot y^{-1} = 0_A \cdot y^{-1} = 0_A$. Logo A é um domínio. \square

Proposição 4.15. *Se um anel A é um domínio, então é um reduzido.*

Demonstração. Supondo A um domínio. Seja $x \in A$ nilpotente, ou seja, $x^n = 0_A$ com $n \in \mathbb{N}$. Se $x \neq 0$, temos pela proposição 4.11 que $x^n \neq 0$. Logo devemos ter $x = 0$. \square

5 Análise Real

5.1 Números Reais

5.1.1 Corpo Ordenado

Definição 5.1 (Corpo Ordenado). Um corpo K é ordenado se existe um conjunto $P \subset K$ tal que :

1. Para todos $x, y \in P$, temos $x + y \in P$ e $x \cdot y \in P$.
2. Dado $x \in K$, apenas uma das possibilidades ocorre: ou $x \in P$, ou $x = 0_K$ ou $-x \in P$.

Definição 5.2 (Positivos). Dado um corpo ordenado K , chamamos os elementos $x \in P$ de positivos.

Definição 5.3 (Negativos). Dado um corpo ordenado K , chamamos os elementos $y = -x$ com $x \in P$ de negativos.

Definição 5.4 (Conjunto dos Negativos). Dado um corpo ordenado K , denotamos por $-P = \{-x \mid x \in P\}$ como o conjunto dos elementos negativos.

Proposição 5.1. *Se K é um corpo ordenado, $K = (-P) \cup \{0_K\} \cup P$.*

Demonstração. Dado $x \in K$, pela definição, temos $x \in P$ ou $x = 0_K \iff x \in \{0_K\}$ ou $-x \in P \iff x \in -P$, logo $x \in (-P) \cup \{0_K\} \cup P$. Temos $P, \{0_K\}, -P \subset K$, logo $(-P) \cup \{0_K\} \cup P \subset K$. Portanto $(-P) \cup \{0_K\} \cup P = K$. \square

Proposição 5.2. Se K é um corpo ordenado, $(-P) \cap \{0_K\} \cap P = \emptyset$.

Demonstração. Dado $x \in K$, pela definição, apenas um dos três ocorre: $x \in P$ ou $x = 0_K \iff x \in \{0_K\}$ ou $-x \in P \iff x \in -P$. Logo $(-P) \cap \{0_K\} \cap P = \emptyset$. \square

Proposição 5.3. Se K é um corpo ordenado, temos $\forall a \in K - \{0_K\} : a^2 \in P$.

Demonstração. Dado $a \in K - \{0_K\}$, temos $-a \in P$ ou $a \in P$. Se $a \in P$, temos $a^2 = a \cdot a \in P$. Se $-a \in P$, temos $(-a) \cdot (-a) = a^2 \in P$. Em ambos os casos, temos $a^2 \in P$. \square

Proposição 5.4. Se K é um corpo ordenado, então $1_K \in P$.

Demonstração. Temos $1_K = 1_K \cdot 1_K = 1_K^2 \implies 1_K \in P$, pela proposição anterior. \square

Observação 5.1. Segue da proposição anterior que $-1_K \in -P$ para todo corpo ordenado K . Logo num corpo ordenado -1_K nunca é um quadrado.

Definição 5.5 ($<$). Num corpo ordenado K com $x, y \in K$, definimos:

$$x < y \iff y - x \in P.$$

Definição 5.6 ($>$). Num corpo ordenado K com $x, y \in K$, definimos:

$$y > x \iff x < y.$$

Proposição 5.5. Dado um corpo ordenado K , temos para todos $x, y, z \in K$:

1. $x < y \wedge y < z \implies x < z$
2. Apenas uma das três possibilidades ocorre: $x < y$ ou $x = y$, ou $y < x$.
3. $x < y \iff x \pm z < y \pm z$
4. Se $z > 0$, temos $x < y \implies xz < yz$
5. Se $z < 0$, temos $x < y \implies xz > yz$

Demonstração. 1. Se $x < y$ e $y < z$, temos $y - x \in P$ e $z - y \in P$, logo $(y - x) + (z - y) = z - x \in P$, que equivale a $x < z$.

2. Dado $x, y \in K$, tomando $w = x - y \in K$, temos $w \in P$, ou $w = 0$ ou $-w \in P$. Logo $x - y \in P$, ou $x - y = 0$ ou $-(x - y) = y - x \in P$. Portanto $y < x$, ou $x = y$ ou $x < y$.

3. Se $x < y$, temos $y - x \in P$. Logo $y - x = y + 0_K - x = y + (z - z) - x = (y + z) - (x + z) \in P \iff x + z < y + z$.

4. Se $z > 0$ e $x < y \iff y - x \in P$, temos que $yz - xz = (y - x) \cdot z \in P \iff xz < yz$.

5. Se $z < 0 \iff -z \in P$ e $x < y \iff y - x \in P$, temos que $xz - yz = (y - x) \cdot (-z) \in P \iff yz < xz$. \square

Proposição 5.6. *Dado um corpo ordenado K , temos para todos $x, y, z, w \in K$:*

$$x < y \wedge z < w \implies x + z < y + w$$

Demonstração. Temos $x < y \implies x + z < y + z$ e $z < w \implies y + z = z + y < w + y = y + w$, logo $x + z < y + w$. \square

Proposição 5.7. *Dado um corpo ordenado K , temos para todos $x, y, z, w \in K$:*

$$0 < x < y \wedge 0 < z < w \implies 0 < xz < yw$$

Demonstração. Como $z > 0$ e $x < y$, temos $xz < yz$. Como $y > 0$ e $z < w$, temos $yz < yw$. Logo $xz < yw$. \square

Definição 5.7 (\leq e \geq). Num corpo ordenado K com $x, y \in K$, definimos:

$$y \geq x \iff x \leq y \iff x < y \vee x = y$$

5.1.2 Números Reais

Definição 5.8 (Cota Superior). Seja K um corpo ordenado e $X \subset K$. Um elemento $s \in K$ é cota superior de X quando

$$\forall x \in X : x \leq s.$$

Definição 5.9 (Limitado superiormente). Seja K um corpo ordenado e $X \subset K$. Dizemos que X é limitado superiormente se existe uma cota superior de X .

Definição 5.10 (Supremo). Seja K um corpo ordenado e $X \subset K$. Um elemento $s \in K$ é o supremo de X quando:

1. s é cota superior de X .
2. Se $c \in K$ é cota superior de X , então $s \leq c$.

Observação 5.2. Uma forma mais humana de dizer a definição de supremo é: O supremo de um conjunto X é a menor cota superior deste conjunto.

Observação 5.3. Podemos tomar a contrapositiva na segunda condição e obter: Se $c < s$, então c não é cota superior. Mas não ser cota superior é o mesmo que existir um $x \in X$ com $c < x$. Logo obtemos uma definição equivalente:

Seja K um corpo ordenado e $X \subset K$. Um elemento $s \in K$ é o supremo de X quando:

1. s é cota superior de X .
2. Se $c \in K$ com $c < s$, então existe $x \in X$ com $c < x$.

Proposição 5.8. *Podemos trocar a segunda condição da definição de supremo do conjunto X por:*

$$\forall \varepsilon > 0 \exists x \in X : x > s - \varepsilon$$

Demonstração. Seja s o supremo de X pela definição usual. Dado $\varepsilon > 0$, sabemos que $s - \varepsilon < s$, logo existe $x \in X$ com $s - \varepsilon < x$ pela definição equivalente acima.

Supondo que s seja cota superior de X e $\forall \varepsilon > 0 \exists x \in X : x > s - \varepsilon$. Se c é uma cota superior de X com $c < s$, temos $s - c > 0$. Tomando $\varepsilon = s - c > 0$, existe $x \in X$ tal que $x > s - \varepsilon = s - (s - c) = c$, logo c não é cota superior (contradição). Logo se c é uma cota superior de X , temos $s \leq c$. Logo s é a menor cota superior. Logo s é um supremo de X . \square

Observação 5.4. Vou usar a segunda condição que for mais conveniente na situação.

Proposição 5.9. *O supremo de um conjunto $X \subset K$, quando existir, é único.*

Demonstração. Suponha que $s_0, s_1 \in K$ sejam supremos do conjunto X . Temos que ambos são cotas superiores para X (condição 1). Da condição 2, obtemos $s_0 \leq s_1$ e $s_1 \leq s_0$, logo $s_0 = s_1$. \square

Definição 5.11 ($\sup X$). Quando existir o supremo de um conjunto $X \subset K$, escreveremos $\sup X$.

Definição 5.12 (Corpo Completo). Um corpo ordenado K é completo se todo subconjunto não-vazio $X \subset K$, limitado superiormente, possui supremo em K .

Axioma 8. *Existe um corpo ordenado completo, denotado por \mathbb{R} .*

5.2 Sequências

Definição 5.13 (Sequência estritamente crescente). Uma sequência (x_n) é estritamente crescente se $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+1} > x_n$.

Definição 5.14 (Sequência crescente). Uma sequência (x_n) é crescente se $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+1} \geq x_n$.

Proposição 5.10. *Uma sequência é estritamente crescente se, e somente se, $\forall m, n \in \mathbb{N} : m > n \implies x_m > x_n$.*

Demonstração. Supondo (x_n) crescente. Logo $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+1} > x_n$. Seja $X = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall n \in \mathbb{N} : x_{n+p} > x_n\}$. Temos $1 \in X$, pois (x_n) é crescente. Supondo $m \in X$. Logo $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+m} > x_n$. Tomando $n \in \mathbb{N}$ qualquer, temos $x_{n+m+1} = x_{(n+m)+1} > x_{n+m} > x_n \implies x_{n+m+1} > x_n$. Logo $m+1 \in X$. Logo $X = \mathbb{N}$. Se $m > n$, temos $m = n + p$, com $p \in \mathbb{N}$, logo $x_m = x_{n+p} > x_n$.

Supondo $\forall m, n \in \mathbb{N} : m > n \implies x_m > x_n$. Temos $\forall n \in \mathbb{N} : n+1 > n \implies x_{n+1} > x_n$. Logo (x_n) é crescente. \square

Definição 5.15 (Sequência estritamente decrescente). Uma sequência (x_n) é estritamente decrescente se $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+1} < x_n$.

Definição 5.16 (Sequência decrescente). Uma sequência (x_n) é decrescente se $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+1} \leq x_n$.

Proposição 5.11. *Uma sequência é estritamente decrescente se, e somente se, $\forall m, n \in \mathbb{N} : m > n \implies x_m < x_n$.*

Demonstração. Supondo (x_n) decrescente. Logo $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+1} < x_n$. Seja $X = \{p \in \mathbb{N} \mid \forall n \in \mathbb{N} : x_{n+p} < x_n\}$. Temos $1 \in X$, pois (x_n) é decrescente. Supondo $m \in X$. Logo $\forall n \in \mathbb{N} : x_{n+m} < x_n$. Tomando $n \in \mathbb{N}$ qualquer, temos $x_{n+m+1} = x_{(n+m)+1} < x_{n+m} < x_n \implies x_{n+m+1} < x_n$. Logo $m+1 \in X$. Logo $X = \mathbb{N}$. Se $m > n$, temos $m = n + p$, com $p \in \mathbb{N}$, logo $x_m = x_{n+p} < x_n$.

Supondo $\forall m, n \in \mathbb{N} : m > n \implies x_m < x_n$. Temos $\forall n \in \mathbb{N} : n+1 > n \implies x_{n+1} < x_n$. Logo (x_n) é decrescente. \square

Definição 5.17 (Sequência monótona). Uma sequência (x_n) é monótona se é crescente ou decrescente.

Teorema 7. *Toda sequência monótona limitada é convergente.*

Demonstração. Suponha (x_n) uma sequência monótona limitada. Logo (x_n) é crescente ou decrescente. Supondo que (x_n) seja crescente. Temos de (x_n) ser limitada que $X = \{x_n \mid n \in \mathbb{N}\}$ é limitado e não vazio. Logo existe $s = \sup X$. Temos que $\forall \varepsilon > 0 \exists x \in X : x > s - \varepsilon$, logo existe $n_0 \in \mathbb{N}$ tal que $x_{n_0} > s - \varepsilon \iff x_{n_0} - s > -\varepsilon \iff s - x_{n_0} < \varepsilon$. Como (x_n) é crescente, temos $m > n_0 \implies x_m \geq x_{n_0} \iff s - x_m \leq s - x_{n_0} < \varepsilon$. Como s é cota superior, temos para todo $n \in \mathbb{N}$ que $s - x_n \geq 0 > -\varepsilon$. Logo existe $n_0 \in \mathbb{N}$ tal que $m > n_0 \implies -\varepsilon < s - x_m < \varepsilon \iff |s - x_m| < \varepsilon$, logo $\lim x_n = s$.

Se (x_n) é decrescente, tomando $X = \{x_n \mid n \in \mathbb{N}\}$, temos que $\forall \varepsilon > 0 \exists n_0 \in \mathbb{N} : x_{n_0} > \inf X + \varepsilon$. Temos $m > n_0 \implies x_m \leq x_{n_0} \iff x_m - \inf X \leq x_{n_0} - \inf X < \varepsilon$, logo $m > n_0 \implies -\varepsilon \leq 0 \leq x_m - \inf X < \varepsilon \iff |x_m - \inf X| < \varepsilon$. Logo $\lim(x_n) = \inf X$. \square

5.3 Organizar

Proposição 5.12. *Sejam $A, B \subset \mathbb{R}^+ - \{0\}$ limitados, então $C = \{ab \mid (a, b) \in A \times B\}$ é limitado e $\sup C = \sup A \cdot \sup B$.*

Demonstração. Como A, B são limitados, então existe $\sup A$ e $\sup B$. Dado $(a, b) \in A \times B$, temos $0 \leq a \leq \sup A$ e $0 \leq b \leq \sup B$, logo $0 \leq ab \leq \sup A \cdot \sup B$, logo $\sup A \sup B$ é uma cota superior para $C = \{ab \mid (a, b) \in A \times B\}$. Portanto C é limitado. Além disso $\sup C \leq \sup A \cdot \sup B$.

Seja $(x_n)_{n \in \mathbb{N}}$ uma sequência em A com $\lim x_n = \sup A$ e $(y_n)_{n \in \mathbb{N}}$ uma sequência em B com $\lim y_n = \sup B$, temos $(x_n \cdot y_n)_{n \in \mathbb{N}}$ uma sequência em C com $\lim x_n \cdot y_n = \sup A \sup B$. Logo $\sup A \cdot \sup B \leq \sup C$.

Como $\sup A \sup B \leq \sup C$ e $\sup C \leq \sup A \sup B$, temos $\sup C = \sup A \sup B$. \square

Proposição 5.13. *Sejam $A, B \subset \mathbb{R}^+ - \{0\}$ limitados, então $C = \{ab \mid (a, b) \in A \times B\}$ é limitado e $\sup C = \sup A \times \sup B$.*

Demonstração. Exercício. □

6 Análise no \mathbb{R}^n

6.1 Topologia

6.1.1 Métrica e Norma

Definição 6.1 (Métrica). Dado um espaço vetorial E sobre um corpo K , uma métrica é uma função $d : E \times E \rightarrow \mathbb{R}$, que satisfaz para todos $a, b \in E$ e $\lambda \in K$:

1. $d(a, b) \geq 0$
2. $d(a, b) = 0 \iff a = b$
3. $d(a, b) = d(b, a)$
4. $d(a, b) \leq d(a, c) + d(c, b)$

Definição 6.2 (Norma). Dado um espaço vetorial E sobre um corpo K , uma norma é uma função $\| \cdot \| : E \rightarrow \mathbb{R}$, que satisfaz para todos $x, y \in E$ e $\lambda \in K$:

1. $\|x\| = 0 \implies x = 0$
2. $\|\lambda x\| = |\lambda| \cdot \|x\|$
3. $\|x + y\| \leq \|x\| + \|y\|$

Proposição 6.1. *Dada uma norma $\| \cdot \| : E \rightarrow \mathbb{R}$, temos:*

$$\|x\| = 0 \iff x = 0$$

Demonstração. Temos $\|x\| = 0 \implies x = 0$ por definição. Basta mostrar que $\|\vec{0}\| = 0$. Temos $\|\vec{0}\| = \|0 \cdot \vec{0}\| = |0| \cdot \|\vec{0}\| = 0 \cdot \|\vec{0}\| = 0$. □

Proposição 6.2. *Dada uma norma $\| \cdot \| : E \rightarrow \mathbb{R}$, temos para todo $x \in E$:*

$$\|x\| \geq 0$$

Demonstração. Temos para todo $x, y \in E$ que $\|x + y\| \leq \|x\| + \|y\|$. Tomando $y = -x$, temos $\|x - x\| \leq \|x\| + \|-x\| \iff \|0\| \leq \|x\| + |-1| \cdot \|x\| \iff 0 \leq \|x\| + \|x\| \iff 2\|x\| \geq 0 \iff \|x\| \geq 0$. □

Proposição 6.3. *Dada uma norma $\| \cdot \| : E \rightarrow \mathbb{R}$, a função $d : E \times E \rightarrow \mathbb{R}$, $d(a, b) = \|a - b\|$ é uma métrica.*

Demonstração. Para todo $a, b, c \in E$, temos:

- $d(a, b) = \|a - b\| \geq 0$.

- $d(a, b) = 0 \iff |a - b| = 0 \iff a - b = 0 \iff a = b.$
- $d(a, b) = |a - b| = |b - a| = d(b, a)$
- $d(a, b) = |a - b| = |a - c + c - b| \leq |a - c| + |c - b| = d(a, c) + d(c, b).$

□

Definição 6.3 (Métrica proveniente da norma). Dada uma norma $\|\cdot\| : E \rightarrow \mathbb{R}$, a função $d : E \times E \rightarrow \mathbb{R}$, $d(a, b) = \|a - b\|$ é chamada de métrica proveniente da norma.

Proposição 6.4. Num espaço vetorial E , uma métrica d é proveniente de uma norma, se e somente se, para quaisquer $x, y, a \in E$ e $\lambda \in K$, tem-se $d(x + a, y + a) = d(x, y)$ e $d(\lambda \cdot x, \lambda \cdot y) = |\lambda| \cdot d(x, y)$.

Demonstração. Se d provém de uma métrica, para $x, y, a \in E$ e $\lambda \in K$, temos $d(x + a, y + a) = \|(x + a) - (y + a)\| = \|x - y\| = d(x, y)$ e $d(\lambda \cdot x, \lambda \cdot y) = \|\lambda \cdot x - \lambda \cdot y\| = \|\lambda \cdot (x - y)\| = |\lambda| \cdot \|x - y\| = |\lambda| \cdot d(x, y)$.

Supondo d uma métrica qualquer com $d(x + a, y + a) = d(x, y)$ e $d(\lambda \cdot x, \lambda \cdot y) = |\lambda| \cdot d(x, y)$. Definindo $\|\cdot\| : E \rightarrow \mathbb{R}$, com $\|x\| = d(x, 0)$. De fato, $\|\cdot\|$ é uma norma, pois:

1. $\|x\| = 0 \iff d(x, 0) = 0 \iff x = 0.$
2. $\|\lambda \cdot x\| = d(\lambda \cdot x, 0) = d(\lambda \cdot x, \lambda \cdot 0) = |\lambda| \cdot d(x, 0) = |\lambda| \cdot \|x\|.$
3. $\|x + y\| = d(x + y, 0) \leq d(x + y, y) + d(y, 0) = d(x, 0) + d(y, 0) = \|x\| + \|y\| \implies \|x + y\| \leq \|x\| + \|y\|.$

Logo $\|\cdot\|$ é uma norma que induz d .

□

Proposição 6.5.

$$|||x| - |y|| \leq \|x - y\|$$

Demonstração. Temos $\|x\| = \|x - y + y\| \leq \|x - y\| + \|y\| \implies \|x\| - \|y\| \leq \|x - y\|$. Além disso $\|y\| \leq \|y - x\| + \|x\| = \|x - y\| + \|x\| \implies \|y\| - \|x\| \leq \|x - y\| \implies -\|x - y\| \leq \|x\| - \|y\|$.

Como $-\|x - y\| \leq \|x\| - \|y\| \leq \|x - y\|$, temos $|||x| - |y|| \leq \|x - y\|$.

□

Definição 6.4 (Normas equivalentes). Duas normas $\|\cdot\|_1, \|\cdot\|_2 : E \rightarrow \mathbb{R}$ são equivalentes se existirem $C_1, C_2 > 0$ tal que

$$C_1 \cdot \|x\|_1 \leq \|x\|_2 \leq C_2 \cdot \|x\|_1$$

Proposição 6.6. Se um espaço normado E tiver dimensão finita, então todas as suas normas são equivalentes.

6.2 Organizar

Definição 6.5 ($L(\mathbb{R}^n, \mathbb{R}^m)$).

$$L(\mathbb{R}^n, \mathbb{R}^m) = \{T \in F(\mathbb{R}^n, \mathbb{R}^m) \mid T \text{ é linear}\}$$

Definição 6.6 ($L(\mathbb{R}^n)$).

$$L(\mathbb{R}^n) = L(\mathbb{R}^n, \mathbb{R}^n)$$

Definição 6.7 ($GL(\mathbb{R}^n)$).

$$GL(\mathbb{R}^n) = \{T \in L(\mathbb{R}^n) \mid T \text{ é bijetiva}\}$$

Proposição 6.7. $GL(\mathbb{R}^n)$ é aberto.

Demonstração. Seja $T \in GL(\mathbb{R}^n)$. Logo T é invertível (bijetiva). \square

Proposição 6.8. $f : GL(\mathbb{R}^n) \rightarrow GL(\mathbb{R}^n)$, dada por $f(T) = T^{-1}$ é contínua.

Demonstração. \square

6.3 Diferenciação

Proposição 6.9. Seja $f : GL(\mathbb{R}^n) \rightarrow GL(\mathbb{R}^n)$, dada por $f(T) = T^{-1}$. Temos f diferenciável.

Demonstração. Temos

$$(T + H)(T + H)^{-1} = I \iff$$

$$T(T + H)^{-1} + H(T + H)^{-1} = I \iff$$

$$T(T + H)^{-1} = I - H(T + H)^{-1} \iff$$

$$(T + H)^{-1} = T^{-1}(I - H(T + H)^{-1}) \iff$$

Vou substituir $(T + H)^{-1}$ na equação acima.

$$\begin{aligned}
(T + H)^{-1} &= T^{-1}(I - H(T + H)^{-1}) \\
&= T^{-1}(I - H [T^{-1}(I - H(T + H)^{-1})]) \\
&= T^{-1}(I - HT^{-1}(I - H(T + H)^{-1})) \\
&= T^{-1}(I - HT^{-1} + HT^{-1}H(T + H)^{-1}) \\
&= T^{-1} - T^{-1}HT^{-1} + T^{-1}HT^{-1}H(T + H)^{-1}
\end{aligned}$$

Se chamarmos $S_T(H) = -T^{-1}HT^{-1}$, temos

$$\begin{aligned}
f(T + H) &= (T + H)^{-1} \\
&= T^{-1} - T^{-1}HT^{-1} + T^{-1}HT^{-1}H(T + H)^{-1} \\
&= f(T) + S_T(H) + T^{-1}HT^{-1}H(T + H)^{-1}
\end{aligned}$$

Afirmo que $S_T(H) = Df(T)(H)$. De fato, S_T é linear (confia) e temos

$$\begin{aligned}
\lim_{H \rightarrow 0} \frac{|f(T + H) - f(T) - S_T(H)|}{|H|} &= \lim_{H \rightarrow 0} \frac{|+ T^{-1}HT^{-1}H(T + H)^{-1}|}{|H|} \\
&\leq \lim_{H \rightarrow 0} \frac{|T^{-1}| \cdot |H| \cdot |T^{-1}| \cdot |H| \cdot |(T + H)^{-1}|}{|H|} \\
&= \|T^{-1}\|^2 \cdot \lim_{H \rightarrow 0} |H| \cdot |(T + H)^{-1}| \\
&= 0
\end{aligned}$$

□

6.4 Integração

Definição 6.8 (Retângulo). Um retângulo ou bloco é um produto cartesiano

$$A = \prod_{i=1}^m [a_i, b_i] \subset \mathbb{R}^m, \text{ com } a_i < b_i \text{ para } i \in \{1, 2, \dots, m\}.$$

Definição 6.9 (Partição do intervalo). Uma partição de um intervalo $[a, b] \subset \mathbb{R}$ é uma sequência t_1, t_2, \dots, t_k com $a = t_1 \leq t_2 \leq \dots \leq t_k = b$.

Definição 6.10 (Partição de um retângulo). Uma partição de um retângulo $A \subset \mathbb{R}^m$ é uma coleção $P = (P_1, P_2, \dots, P_m)$, onde P_i é uma partição do intervalo $[a_i, b_i]$ para todo $i \in \{1, 2, \dots, m\}$.

Definição 6.11 (Subretângulo de uma Partição). Dada uma partição $P = (P_1, P_2, \dots, P_m)$ do retângulo $A \subset \mathbb{R}^m$, um subretângulo S de P é um retângulo da forma $S = \prod_{j=1}^m I_j$, onde I_j é um intervalo da partição P_j .

Definição 6.12 (Refinamento de uma partição). Dada uma partição P de um retângulo A , dizemos que Q é um refinamento de P se todo subretângulo de Q está contido em um subretângulo de P .

Definição 6.13 (Medida Nula). Um conjunto $A \subset \mathbb{R}^n$ tem medida nula se para todo $\varepsilon > 0$, existe uma cobertura enumerável $\{U_i\}_{i \in L}$ de A por retângulos fechados tal que $\sum_{i=1}^{\infty} v(U_i) < \varepsilon$.

Definição 6.14 (Conteúdo Nulo). Um conjunto $A \subset \mathbb{R}^n$ tem conteúdo nulo se para todo $\varepsilon > 0$, existe uma cobertura finita $\{U_i\}_{i \in L}$ de A por retângulos fechados tal que $\sum_{i=1}^{\infty} v(U_i) < \varepsilon$.

Proposição 6.10. *Se A tem conteúdo nulo, então A tem medida nula.*

Demonstração. Se A tem conteúdo nulo, então dado ε , existe uma cobertura finita $\{U_i\}_{i \in L}$ de A tal que $\sum_{i=1}^{\infty} v(U_i) < \varepsilon$. Como todo conjunto finito é enumerável, temos $\{U_i\}_{i \in L}$ enumerável, logo A tem medida nula. \square

Proposição 6.11. *Uma união enumerável de conjuntos com medida nula tem medida nula.*

Demonstração. \square

Proposição 6.12. *Se A é compacto e tem medida nula, então A tem conteúdo nulo.*

Demonstração. \square

6.4.1 Exercícios

Exercício 6.4.1. Sejam $f : A \rightarrow \mathbb{R}$, $g : B \rightarrow \mathbb{R}$ funções limitadas não-negativas nos blocos A, B . Defina $\phi : A \times B \rightarrow \mathbb{R}$ pondo $\phi(x, y) = f(x) \cdot g(y)$. Prove que

$$\overline{\int_{A \times B} \phi(z) dz} = \overline{\int_A f(x) dx} \cdot \overline{\int_B g(y) dy}$$

e que vale um resultado análogo para integrais inferiores.

Demonstração. Temos $\overline{\int_{A \times B} \phi(z) dz} = \inf_Q \{U(\phi; Q)\}$. Seja $Q = (P, P')$ uma partição de $A \times B$. Temos P partição de A e P' partição de B . Seja $S_b = S \times S'$ um subretângulo de Q , temos S subretângulo de P e S' subretângulo de P' . Temos $\forall x \in S : 0 \leq f(x) \leq M_S(f)$ e $\forall y \in S' : 0 \leq g(y) \leq M_{S'}(g)$, logo $\forall (x, y) \in S \times S' = S_b : 0 \leq f(x) \cdot g(y) \leq M_S(f) \cdot M_{S'}(g)$. Logo $M_S(f) \cdot M_{S'}(g)$ é cota superior para $f(x) \cdot g(y)$ em $S \times S'$, logo $\sup \{f(x) \cdot g(y) \mid (x, y) \in S \times S'\} = M_{S \times S'}(\phi) \leq M_S(f) \cdot M_{S'}(g)$.

Se $M_S(f) = 0$, temos $0 \leq f(x) \leq M_S(f) = 0 \implies f(x) = 0$ para todo $x \in S$, logo $\forall (x, y) \in (S \times S') : f(x) \cdot g(y) = 0 \cdot g(y) = 0$, logo $M_{S \times S'}(\phi) = 0$. É análogo se $M_{S'}(g) = 0$.

Supondo $M_S(f) \neq 0$ e $M_{S'}(g) \neq 0$. Dado $\varepsilon > 0$, existe $x_1 \in S$ tal que $f(x_1) > M_S(f) - \frac{\varepsilon}{2 \cdot M_{S'}(g)}$ e existe $y_1 \in S'$ tal que $g(y_1) > M_{S'}(g) - \frac{\varepsilon}{2 \cdot M_S(f)}$.

Logo existe $(x_1, x_2) \in S \times S'$ tal qu $f(x_1) \cdot f(x_2) > \left(M_S(f) - \frac{\varepsilon}{2 \cdot M_{S'}(g)}\right) \cdot$

$\left(M_{S'}(g) - \frac{\varepsilon}{2 \cdot M_S(f)}\right) = M_S(f) \cdot M_{S'}(g) - \frac{\varepsilon}{2} - \frac{\varepsilon}{2} + \frac{\varepsilon^2}{2M_S(f) \cdot M_{S'}(g)} > M_S(f) \cdot$

$M_{S'}(g) - \varepsilon$. Como dado $\varepsilon > 0$, existem $(x_1, y_1) \in S \times S'$ tal que $f(x_1) \cdot g(y_1) < M_S(f) \cdot M_{S'}(g) - \varepsilon$ e $M_S(f) \cdot M_{S'}(g)$ é cota superior para $\{f(x) \cdot g(y) \mid (x, y) \in S \times S'\}$, temos $M_{S \times S'}(\phi) = M_S(f) \cdot M_{S'}(g)$.

Logo

$$\begin{aligned}
U(\phi, Q) &= \sum_{S \times S' \in (P, P')} M_{S \times S'}(\phi) \cdot V(S \times S') \\
&= \sum_{S \times S' \in (P, P')} M_S(f) \cdot M_{S'}(g) \cdot V(S) \cdot V(S') \\
&= \sum_{\substack{S \in P, \\ S' \in P'}} [M_S(f) \cdot V(S)] \cdot [M_{S'}(g) \cdot V(S')] \\
&= \sum_{S \in P} \sum_{S' \in P'} [M_S(f) \cdot V(S)] \cdot [M_{S'}(g) \cdot V(S')] \\
&= \sum_{S \in P} [M_S(f) \cdot V(S)] \cdot \sum_{S' \in P'} [M_{S'}(g) \cdot V(S')] \\
&= \left[\sum_{S' \in P'} M_{S'}(g) \cdot V(S') \right] \cdot \left[\sum_{S \in P} M_S(f) \cdot V(S) \right] \\
&= U(f, P) \cdot U(g, P')
\end{aligned}$$

$$\begin{aligned}
\text{Logo } \overline{\int_{A \times B} \phi(z) dz} &= \inf_Q \{U(\phi; Q)\} = \inf_{(P, P')} \{U(f, P) \cdot U(g, P')\} = \inf_P \{U(f, P)\} \cdot \\
\inf_{P'} \{U(g, P')\} &= \overline{\int_A f(x) dx} \cdot \overline{\int_B g(y) dy}
\end{aligned}$$

□

Exercício 6.4.2. Se $X \subset \mathbb{R}^m$ tem medida nula, então para todo $Y \subset \mathbb{R}^m$, o produto cartesiano $X \times Y \subset \mathbb{R}^{m+n}$ tem medida nula.

Demonstração. Basta provar que se $X \subset \mathbb{R}^n$ tem medida nula, então $X \times \mathbb{R}^m$ tem medida nula. Pois uma cobertura do conjunto $X \times \mathbb{R}^m$ cobre o conjunto $X \times Y \subset X \times \mathbb{R}^m$.

Chamando $C_p = \prod_{i=1}^m [-p, p] = \underbrace{[-p, p] \times [-p, p] \times \cdots \times [-p, p]}_{m \text{ vezes}} \subset \mathbb{R}^m$. Temos $\mathbb{R}^m = \bigcup_{p \in \mathbb{N}} C_p$, logo $X \times \mathbb{R}^m = X \times \bigcup_{p \in \mathbb{N}} C_p = \bigcup_{p \in \mathbb{N}} X \times C_p$. Como é uma união enumerável de conjuntos, basta mostrar que $X \times C_p$ tem medida nula para todo $p \in \mathbb{N}$.

Fixando $p \in \mathbb{N}$, temos $v(C_p) = (2p)^m$. Dado $\varepsilon > 0$, existe uma cobertura enumerável $\{U_i\}_{i \in L}$ de retângulos fechados tal que $\sum_{i \in L} v(U_i) < \frac{\varepsilon}{(2p)^m}$. Temos

$X \times C_p \subset \left(\bigcup_{i \in L} U_i \right) \times C_p = \bigcup_{i \in L} U_i \times C_p$. Como C_p e U_i são retângulos, temos $v(U_i \times C_p) = v(U_i) \cdot v(C_p)$. Logo temos $\sum_{i \in L} v(U_i \times C_p) = \sum_{i \in L} v(U_i) \cdot v(C_p) = \sum_{i \in L} v(U_i) \cdot (2p)^m = (2p)^m \cdot \sum_{i \in L} v(U_i) < (2p)^m \cdot \frac{\varepsilon}{(2p)^m} = \varepsilon$. Logo $X \times C_p$ tem medida zero para todo $p \in \mathbb{N}$.

Como $X \times \mathbb{R}^n = \bigcup_{p \in \mathbb{N}} X \times C_p$ é uma união enumerável de conjuntos de medida nula, temos que $X \times \mathbb{R}^n$ tem medida nula.

□